IO XVIII—Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1942—N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO

ANO XVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1942 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

Mais um passo para a frente

COM o presente número, entramos no 18.º ano de existência e, a-pesar das dificuldades oriundas dos lamentaveis acontecimentos que se desenrolam no mundo, estamos animados, como sempre, em prosseguir no desempenho da tarefa que nos foi confiada.

Não temos medido esforços no sentido de manter, aliado à feição artística, o mesmo programa traçado pelo nosso querido companheiro Cairbar Schutel e, para tanto nos tem valido sobremaneira, a assistência dos Caros Espíritos.

E' assim que, estudando o Espiritismo no seu tríplice aspecto — filosófico, científico e religioso, vimos apresentando trabalhos substanciosos de sábios de renome e de escritores estrangeiros e nacionais, cujos conhecimentos de tão elevada doutrina são dignos do nosso mais decidido acatamento. Todos os fenômenos de ordem espírita verificados no mundo e que têm chegado ao nosso conhecimento, os temos publicado nas suas respectivas secções, certos de que êles contribuem poderosamente para iluminar cerebros absorvidos pela dúvida, com relação aos magnos problemas da vida e da alma, problemas que só podem ser resolvidos pelo Espiritismo.

Com o lema—*Renovar tudo*, o Espiritismo, que tem por base os factos de caráter imortalista, está desempenhando de maneira impecável, a sua grandiosa missão. E' assim que a ciência começa a saír do estreito círculo em que a circunscreveram. Para obter liberdade de ação tem ela que enfrentar o preconceito e o orgulho de um grande número de homens que não admitem algo além daquilo que hajam aprendido. Mas os factos se encarregarão de fazê-la triunfar sôbre a vã sabedoria humana que, impotente para resolver intricados problemas, tem que se render à evidência dos factos.

Foi justamente para estudar os fenômenos espíritas e anímicos que se verificaram em todos os tempos e que aumentam cada vez

mais, sancionando a profecia de Joel, que Cairbar Schutel, estimulado e ajudado por uma alma devotada aos interêsses da Verdade, Luiz Carlos de Oliveira Borges, fundou, em 15 de fevereiro de 1925, esta Revista, com o propósito de cooperar em pról do advento da verdadeira ciência—a da alma, ciência que esclarece tudo quanto se relaciona com Deus, o homem e o Universo.

A êsses dois luzeiros da espiritualidade devemos a vida dêste mensário que, lutando valentemente durante 17 anos, tem esperanças de prosseguir no labor de fazer com que a verdadeira ciência penetre nos cerebros bem formados.

E'-nos grato constatar o surto progressista do Espiritismo no Brasil, facto que, nos diz a conciência, não podemos deixar de mencionar aquí : diariamente fundam-se escolas, sanatórios, albergues noturnos e outros estabelecimentos espíritas, o que constitue uma afirmação dos benefícios que o Espiritismo vem prodigalizando à humanidade através da compreensão e do esfôrço comum de seus profitentes.

Efetivamente, o número dos que ingressam no Espiritismo, provenientes de todas as camadas sociais, é francamente animador. Muita razão teve Humberto de Campos quando afirmou que o Brasil é o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho.

Diante disso, nós como os demais trabalhadores da seára espírita, ao entrarmos no 18.° ano de vida, nos sentimos encorajados para enfrentar dificuldades e, confiantes no Alto, que tudo pode, estaremos firmes na estacada, a cooperar, com as nossas pequenas possibilidades, para que a Verdade edifique sua cátedra em todos os cerebros e corações.

Aos nossos guias espirituais, entre os quais aparece em primeira linha, o amado Cairbar Schutel ; aos nossos prezados assinantes, colaboradores, representantes e auxiliares, nos confessamos sumamente gratos, solicitando ao Supremo Artífice do Universo para que a todos cumule de bençãos e nos ampare, afim de que esta obra prossiga no seu desiderato de espiritualização.

Não somos só matéria

Todas as teorias que querem fazer do homem um autômato, todos os sábios que fizeram da ciência um escudo para proclamar em a materialidade do sêr humano, encontram o mais formal desmentido no testemunho dos factos. Não é verdade que sejamos só matéria ; não é justo pensar-se que, pela morte do corpo, os elementos que o constituiam sendo reduzidos a pó, nada restará daquilo que foi o sêr pensante. A experiência nos demonstra que, assim como a borboleta sae da crisalida, assim a alma deixa o seu vestuario grosseiro de carne para atirar-se, radiante, no éter, sua pátria eterna. Nada morre nêste mundo, porque nada se perde. O átomo de matéria que se escapa de uma combinação, entra no grande laboratório da natureza, e a alma, que se torna livre pela dissolução de seus laços corporais, volta ao seu ponto de partida. A gelida noite do túmulo não mais tem terrores para nós, porque possuimos a prova certa de que os mausoléus não encerram sinão cinzas inertes, e que o sêr pensante não desaparece.

GABRIEL DELANNE.

Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)

Numa data posterior, um espírito de nome «Harry» foi trazido ao nosso circulo para doutrinação e, incorporado na Snra. Wickland, manteve uma interessante conversa com referência a outro espírito que estava perturbando a Snra. Burton.

Espírito : «Harry»

Méd.—Donde viestes ?

Esp.—Não sei onde estou e não sei o que me aconteceu.

Méd.—Gostarieis de saber o que vos aconteceu ?

Esp. - Não sei o que foi.

Méd.—Algo então vos sucedeu ?

Esp.—Isto é que eu gostaria de saber.

Méd.—Que estivestes fazendo ultimamente ?

Esp —Não sei.

Méd.—Dizei-nos quem sois ? Sabeis ?

Esp.—Bem, eu direi ; sim, penso que o farei.

Méd.—Onde pensais que estais ?

Esp —Não sei

Méd. – Sim, o sabeis.

Esp.—Não, não sei. Tudo é tão estranho e eu não sei o que aconteceu.

Méd.—Não podeis olhar atrás e vêr si algo vos sucedeu ?

Esp.—Não posso olhar atrás ! Não tenho olhos nas costas.

Méd.—Quero dizer, pensai atrás.

Esp.—Pensar com as costas ?

Méd.—Não, pensai no vosso passado. Usai as vossas faculdades do pensamento.

Esp.—Não me recordo nada.

Méd.—Não deveis ser mentalmente tão preguiçoso !

Esp.—Que pode um homem fazer ?

Méd.—Aquí está sentada uma mulher. Sois homem ou mulher ?

Esp.—Sou, homem, êste companheiro é homem e os outros são mulheres. Nunca fui mulher e nunca serei. Bem sabeis que sou homem.

Méd.—Olhai para as vossas mãos ; onde as arranjastes ?

Esp —Estas mãos não são minhas.

Méd —Olhai para os vossos pés.

Esp —Também não são meus. Nunca fui mulher e não quero ter mãos e pés de mulher e não quero, agora, emprestado o corpo de ninguem.

Méd.—Sois velho ?

Esp. – Bem, já não sou um rapazinho.

Méd.—Provavelmente sois velho em anos porém não em conhecimentos.

Esp —Isto é verdade. Meus conhecimentos não são muito grandes.

Méd.—Si tivesseis possuido conhecimentos não vos encontrarieis na presente condição.

Esp.—Isto não tem nada a vêr com conhecimentos.

Méd.—Conhecimentos é o que vos está faltando. Dizei-nos qual é vosso nome. E' Mary ? (Maria)

Esp. – Já vistes algum homem chamar-se Mary ? Isto é ridiculo !

Méd.—Dizei-nos, então, o vosso nome. Não posso supô-lo.

Esp.—Por Deus, homem, é o nome de um homem e não o de uma mulher.

Med. – Apresentai-vos então.

Esp.—Para que quereis saber meu nome ?

Méd.—Falais bem a nossa lingua. Tinheis cabelos brancos como agora ? (Referindo-se aos cabelos da médium).

Esp.—Tinha cabelos grisalhos.

Méd.—E os usaveis ondulados como agora ?

Esp.—Não, não gosto dêles assim.

Méd. - Usaveis pente de bolso ?

Esp.—Já ouvistes falar em homem usando pente de bolso ?

Méd.—Onde arranjastes este anel de casado ?

Esp.—Não roubei nada e não quero esta mão de mulher.

Méd.—John, donde viestes ?

Esp —Não me chamo John.

Méd.—Como é que a vossa esposa

e a vossa mãe vos chamavam ?

Esp.—Minha mãe chamava-me Harry. Não fui casado.

Méd.—Qual é o vosso sobrenome ?

Esp.—Não quero dizer meu nome na presença de todas estas mulheres.

Méd.—Também há muitos homens aquí.

Esp.—Porque cargas dágua vim cair no meio destas mulheres. Odeio as mulheres.

Méd.—Com certeza sofrestes algum revês amoroso. Que foi que vos aconteceu ?

Esp. - Eu seria tolo si contasse os meus segredo ante um grupo de mulheres.

Méd.—Porque ela se casou com o outro homem ?

Esp.—Quem ?

Méd.—A moça que vos enganou.

Esp.—Isto nunca, não !

Méd.—Então não tivestes nenhum desengano de amor ?

Esp.—Não.

Méd. -- Então porque não gostais das mulheres ?

Esp. -- Já vos disse que não poderei contar os meus segredos diante destas mulheres, porque se rirão de mim. Gostaria de saber porque todas estas mulheres estão olhando para mim. Que é que ha com aquele homem ali ? (Um espírito). Quero referir-me ao que se acha por trás daquela senhora. (A sra. Burton, sentada no círculo).

Snra. Burton -- Não gosto dos homens ; êle póde afastar-se de mim.

Esp. -- Porque êsse homem anda ao redor dela ? E' seu marido ? Minha senhora, que faz êle andando ao seu redor ? Que é que ha com a senhora ? Gostais tanto dêle para que êle fique pregado a vós como cóla ?

Méd. -- Perguntai-lhe ha quanto tempo morreu.

Esp. -- Não simpatizo com êle. Mete-me mêdo. Parece que quer brigar.

Méd. -- Perguntai-lhe ha quanto tempo morreu.

Esp. -- Morto ? Está junto dela de forma tal que ela não pode mover-se sem êle. Aonde ela vai, êle a segue. Parece-me tal qual um macaco.

Snra. B. -- Levai-o convosco, fazei-me êste favor.

Esp. -- Porque deverei levá-lo ? Por amor de Deus, eu não conheço êsse camarada ! Gostais dêle, minha senhora ?

Snra. B. -- Não absolutamente. Eu estou cançada dêle !

Esp. -- Que é que ha com êle ? E' vosso marido ?

Snra. B. -- Não é meu marido e eu não o entendo.

Esp. -- Gostais dêle ?

Snra. B. -- Não, gostaria que se afastasse de mim.

Esp. -- Afinal, onde estou eu ?

Méd. -- Estais em Los Angeles, California.

Esp. -- Ha também uma mulher junto dela, presa como com cóla.

Snra. B. -- Estais aquí para auxiliar-nos ? Não podeis levá-los convosco ?

Esp. -- Gostais dêsse homem que vos acompanha ?

Snra. B. -- Não, estou anciosa por vêr-me livre dêle. A porta está bem aberta ; êle que se vá.

Esp. -- Por amor de Deus fechai a porta ! Não quero que êsse homem me acompanhe. Porque não chama a policia ? Não pode a policia afastá-lo da senhora, si não quereis saber dêle ?

Méd. -- Todos são espíritos.

Esp. -- Espíritos ?

Méd. -- Sim, como vós.

Esp. -- O que ? Dizeis-me que aquele homem que está ali atrás daquela senhora é um fantasma.

Méd. -- Podeis vê-lo ?

Esp. -- Êle não é um espírito, é um homem. Êle está ali. Está com mêdo que ela se afaste dêle e êle não possa segui-la. E diz que está farto dela.

Méd. -- Êle é um espírito, porém ainda não o compreendeu. Ela não o vê, nem nós. Êle é invisível a nós.

Esp. -- Que espécie de lugar é êsse em que vim parar ?

Méd. -- Também não vos vêmos.

Esp. -- Não podeis vêr-me ? E ouvis-me ?

Méd. -- Ouvimos-vos, mas não vos vêmos.

Esp. -- Que gente céga ! Vejo-vos a todos e muita gente mais. A sala está toda cheia de gente !

Méd. -- Podemos ouvir-vos, porém, só porque estais falando por intermédio do corpo de uma mulher.

Esp. -- Agora estais me surpreendendo. Pensais que eu iria falar por intermédio de uma mulher ? Não, nunca ! Eu não atravessaria uma rua para falar com uma mulher. Como sabeis, não posso compre-

ender tudo isto. Não sei porque estou aquí, nem tão pouco o que acontece com esta gente toda olhando para mim. ¿Porque esta gente toda aquí ? Ha outros ainda olhando para mim, também. Não poderiam êles se entreterem uns com os outros ?

Méd. -- Si vos explicar tudo, procurareis compreender ? Em primeiro lugar estais morto, como se diz.

Esp. -- Si sou um morto, isto é uma coisa ótima.

Méd -- Não estais morto.

Esp. -- Mas dissestes que estou morto.

Méd. -- Estais morto para os vossos parentes e amigos. Sabemos que não estais, realmente, morto; perdestes apenas o vosso corpo físico. Tendes, porém, um corpo espiritual que conservastes quando perdestes o outro. Senti-vos bem vivo graças ao vosso corpo espiritual, mas não podeis explicar isto.

Esp. -- Sei que estive perambulando uma porção de tempo e parece-me que nunca parei em nenhum lugar. Vejo uma porção de gente aquí. Vim aquí com um grupo de pessoas, e antes que o soubesse, tudo era luz e eu vos vi a todos sentados num círculo, cantando. Pensei que fosse uma reunião religiosa, deti-me e antes que soubesse qualquer coisa, comecei a falar. Até então, me parecia que eu era surdo, mudo e cégo, porque não via coisa alguma e me achava tão cansado.

Méd. -- A maior parte dos que vêdes aquí são espíritos como vós.

Esp. -- Porque estamos aquí ?

Méd. -- Muitos foram trazidos para obter entendimento. Vós estais vos utilizando do corpo da minha esposa, mas não sois minha própria mulher. Embora isto vos pareça estranho, é um facto. Sois invisível a nós e estais falando graças ao organismo de minha esposa. Êsse homem de quem nos falastes, também é um espírito. Levai-o convosco quando partirdes. Êle nos é invisivel.

Esp.—Gostaria de brigar com êle.

Méd.—Já lêstes alguma vês a Biblia ?

Esp.—Sim, faz muito tempo. Ha bastante tempo que não vêjo uma.

Méd. -- Lembrais-vos ter lido na Biblia acerca dos espíritos obsessores que Jesus expulsou ? Êle é um dessa especie.

Esp. -- Todos êles estão ao redor daquela senhora. (A Snra. B.)

Snra. B. -- Agora eu já fechei a porta.

Esp. -- Si conservardes a porta fechada, eu os levarei comigo. De qualquer forma, quero brigar com aquele sujeito. Qual é o vosso nome ?

Méd. -- Que diz êle ?

Esp. -- Êle diz que se chama Jim Mc Donald.

Conhecei-o, minha senhora ? Si êle é de facto um espírito, porque se agarra à esta mulher, quando ela não quer saber dêle ?

Méd. -- Talvez êle se encontre alí como vós encontrais aquí. Dissestes que vistes uma porção de gente, luz, e aquí estais.

Esp. -- Êsse homem diz que estava caminhando no escuro e viu esta mulher. Dizei-me si eu também devo permanecer sempre aquí.

Perg -- Quais são os nomes dos que estão em torno de mim ? (Esta pergunta foi feita por outra paciente).

Esp. -- Há dois. De quando em quando, êles brigam. Neste momento estão brigando.

Perg. -- Eu também brigo com êles

Méd. -- Não deveis brigar, fisicamente com eles, isto lhes dá força e magnetismo. Quando lutais com eles desta forma, dais-lhes muito mais forças, fazendo com que eles se prendam mais a vós. Lutai com eles, mentalmente. Porque não evitais dar-lhes acésso ?

Esp. -- Eu os levarei, si puder. Porém não lutais mais com eles. Não sei o que acontece comigo. Sinto uma coisa estranha.

Méd. -- Onde moraveis ?

Esp. -- Em Detroit, Michigan.

Méd. -- Qual o último ano que recordais ?

Esp. -- Não me lembro de nenhum.

Méd. -- Qual é o presidente atual.

Esp. -- Não me lembro ao certo, porém eu penso que é Cleveland.

Méd. -- Êle foi presidente ha muito tempo.

Esp. -- Andei tanto que me sinto cansado. Existe aquí algum lugar para uma pessoa cansada descansar ? Tendes alguma cama para me ceder ?

Méd -- Si olhardes ao vosso redor, vereis espíritos inteligêntes.

Esp. -- Com efeito, vejo algumas moças bonitas. Não, moças, eu não irei

convosco. Não me virem a cabeça. Não irei convosco, de forma alguma!

Méd. — Elas são diferentes das jovens que conhecestes. Não são entes mortais, são espíritos imortais.

Esp. — Teem um sorriso como os outros para atrair os homens.

Méd. — Elas são diferentes das outras. Auxiliam os espíritos que necessitam de ajuda.

Esp. — Estas moças parecem serias, mas eu detesto as mulheres.

Mèd. — Não deveis detestar a todas porque uma foi falsa.

Esp. — Bem, vou vêr si levo êstes camaradas comigo, si eu puder. E penso que acompanharei estas moças. (Surpreso). Como é isto? Minha mãe! Ela morreu e foi-se ha muito tempo!

Mèd. — Ela não morreu.

Esp. — Supondes que ela não está no Céu?

Mèd. — Perguntai-lho. Ela dirá

Esp. — Ela diz que está num bonito lugar chamado mundo espiritual.

Mèd. — O mundo espiritual circunda o mundo fisíco. O «Céu» é uma condição interior; quando realizardes isto ficareis contente e sereis feliz. Isto foi o que Jesus ensinou.

Esp. — Gostaria de ir com a minha mãe. Ela é uma bôa velhinha. Preciso levar o Mc Donald também. Vem cá, Mc Donald. Você não póde ficar aquí mais tempo e precisa ir comigo. Parece que êle faz esforços como que para despertar. Venha, Mc Donald; sejamos bons amigos e vamos com estas moças, pois elas são sérias e sinceras. Mãe, a senhora também vai. Agora eu irei. Adeus. Vamos, camaradas. Para que vocês querem ficar juntos desta senhora; eu teria vergonha de fazer isto. Já me vou. Adeus.

Snra. B. — Fazei-me o favor de levá-los a todos convosco.

Méd. — Como vos chamais?

Esp. — Harry. Isto é tudo de que posso lembrar-me. Ha muitos anos que não ouço meu nome.

Méd. — Fazei com que os outros compreendam a tolice de ficar.

Esp. — Vou levar todos êstes camaradas comigo! Agora, todos aquí. Vocês vão comigo. Estou disposto a brigar com o danado que não quiser ir. Vocês deviam ter vergonha de estar importunando uma senhora. Agora, vamos. Vêde, êles vão. Olharei por êles direitinho. Adeus!

(Continua).

A Alma Animal

J. B. Chagas

NÃO era do nosso desejo voltar a tratar do caso original do muar «Canário», encerrando a nossa co-participação no assunto com os artigos publicados pelo «Diário da Noite», do Distrito Federal, em dias de Outubro e Novembro últimos. Contudo a isso somos forçados por sentir essa necessidade, uma vez que verificamos que no meio espiritista, ha confrades que ainda não possuem um ponto de vista firmado sôbre êsse delicado assunto, cuja importância não é mister encarecer.

A pergunta foi lançada aos quatro ventos — póde um animal de espécie inferior, um burro, por exemplo, servir de intermediário aos espíritos para operar manifestações ostensivas? Ou melhor, póde um burro ser *médium?*

— Póde ou não póde? — eis tudo.

Voltou, então, com um sabor de atualidade a legenda de *Shakespeare: To be or not be* — ser ou não ser, eis a questão.

Consultados por um amigo que nos sabia profitente espiritista, a dizer de público como o Espiritismo encarava o presente fenômeno, apressamo-nos, mais com o desejo de esclarecer, sem falsa modestia, do que fazer ruido em torno do nosso nome, que pedimos até fosse mantido em segredo, em trazer à luz da publicidade profana, por intermédio do jornal que procedia a *ênquete*, o que dêle, do Espiritismo, constava sôbre a tão decantada mediunidade dos animais.

Assim, fomos à fonte, isto é, ao *Livro dos Médiuns*, e consultámos a opinião de *Erasto*, que embora não

seja um iluminadissimo espírito, tem, contudo, autoridade bastante para abordar tão delicado tema.

Eis, então, uma síntese do que escreveramos, mais propriamente para o meio profano do que para os confrades espíritas, pois, que supunhamos todos possuidores daquela obra e quiçá conhecedores da opinião abalisada de *Erasto*, o que foi um engano, visto como ha ainda alguns que julgam os *animais dotados de excelentes faculdades mediúnicas*...

Pela conclusão a que chegamos naquele trabalho, ficou evidenciada a impossibilidade mediúnica dos animais, porque segundo um velho princípio estabelecido: — o semelhante só atua com os semelhantes e como os semelhantes. Logo...

Os animais possuem também almas, mas nos animais de todas as classes a alma não tem o mesmo desenvolvimento.

«O fogo que anima os irracionais, o sôpro que os faz agir, mover e falar na linguagem que lhes é própria, não tem, *quanto ao presente*, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sôpro divino, a alma etérea, o Espírito, numa palavra» — afirma *Erasto*.

Embora isso arripie certos *espíritos fortes*, ciosos da sua árvore genealógica, a quem repugna a idéia de já ter pertencido às outras espécies inferiores, não resta a menor dúvida que nós próprios tivemos que vencer essa cadeia, que não sabemos onde começou nem sabemos onde terminará, sabendo apenas que caminhamos, *mal gré tout*, por isso que existe princípios comuns a tudo o que vive e se move na terra.

Daí essa estranha predileção que possuem certos indivíduos por determinadas espécies, vegetal ou animal; daí dizer o grande filósofo *Empedocles*, numa possível evocação do seu ancestralismo: «eu também já fui menino, árvore, pássaro, peixe mudo do fundo do mar...»

— O que é um *médium?* — pergunta *Erasto*, e êle mesmo responde:

— «E' um sêr, é o indivíduo que serve de traço de união aos espíritos para que êstes possam comunicar-se facilmente com os homens: espíritos encarnados. Por conseguinte, sem *médium* não ha comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja. Sabeis que tomamos ao cérebro do *médium* os elementos necessários a dar ao nosso pensamento uma forma que vos seja sensível e apreensível; é com o auxílio dos materiais que possúe, que o *médium* traduz o nosso pensamento em linguagem vulgar. Ora bem! que elementos encontramos no cérebro de um animal? Tem êle ali palavras, números, letras, sinais quaisquer, semelhantes aos que existem no homem, mesmo o menos inteligente? Entretanto, direis, os animais compreendem o pensamento do homem, advinham-no até. Sim, os animais educados compreendem certos pensamentos, mas os vistes alguma vez reproduzí-los? Não. Deveis, então, concluir que os animais não nos podem servir de interpretes!»

* * *

O delicado problema da origem e do destino do homem ainda hoje preocupa de modo impressionante a muitas criaturas.

As religiões, mais sectaristas que esclarecedoras, têm deixado os homens numa profunda ignorância do que diz respeito à sua vida, e ao seu próprio destino, daí a insatisfação da hora presente, a *angústia do século*, como já classificou alguém, o momento que passa, essa terrível melancolia que invade todas as almas, quando se trata de raciocinar sôbre o que será o dia de amanhã.

Já agora, na idade da razão, abrindo os olhos do espírito para o raciocínio, o homem acha-se como que parado em meio de uma grande estrada, a observar o terreno até ali palmilhado, a conjeturar sôbre o que terá ainda a percorrer. Aí, diante de si mesmo, diante do progresso que atingiu, por isso que já pensa e age livremente, dono de um livre arbitrio relativo, leva a considerar-se um ser privilegiado na Criação. Daí, também, o repugnar-se de sua origem e ancestralidade.

Efetivamente, se considerarmos a

escala de todos os sêres que vivem sôbre a terra, vêmos que cada espécie é seguida por uma outra espécie que ocupa o grau imediatamente superior e que apresenta um novo aperfeiçoamento. As espécies, mesmo as mais nitidamente caraterísticas, têm sempre entre si uma variedade um pouco híbrida que constitue o traço de união entre as duas, como o morcego, o peixe-voador, etc., para que a Evolução não sofra solução de continuidade e porque se harmoniza no mais perfeito rítmo no Plano Divino.

«Do homem ao macaco — diz-nos *Gabriel Delane* — dêste ao cão; da ave ao réptil e dêste ao peixe; do peixe ao molusco, ao verme, ao mais ínfimo dos colocados nas fronteiras extremas do mundo orgânico com o mundo inanimado, nenhuma passagem é brusca. O que se dá é sempre uma gradação insensivel. Todos os sêres se tocam, formam uma cadeia de vida, que só nos parece interrompida pelo desconhecimento das fórmas extintas ou desaparecidas. Nessa hierarquia dos sêres, o homem reivindica o primeiro lugar a que tem, certo, incontestavel direito; mas isso não o coloca fóra da série, e quer simplesmente dizer que êle é o mais aperfeiçoado dos animais. Não é possível fazer do homem um ser destacado do reino animal» *(Evolução Anímica* — pag. 64*)*.

A monera da qual houver de sair o soberbo «rei da Criação», será composta de um simples protoplasma como a de qualquer animal.

A alma animal é da mesma natureza que a humana; o que as diferencia é a gradação no seu desenvolvimento.

Até chegar ao estado de humanização, por certo, ela terá que atravessar uma série interminável na escala da Evolução.

E' que admitido êsse princípio, de que a alma animal é da mesma natureza que a humana, o orgulho presunçoso de muitas pessoas, faz com que considerem tal princípio como um rebaixamento da dignidade humana! Foi, portanto, o orgulho do homem que o levou a erguer entre êle e os animais, essa barreira, não existente na realidade. A inteligência dos animais, sem dúvida, não tem o mesmo desenvolvimento da do homem, visto como também as suas necessidades são menores, e limitado é o círculo de sua atividade. Só isso constitue uma diferença e nada mais.

(Concl. no próximo número).

A Ação dos Passes Magnéticos

H. Magalhães

(Continuação)

Cumprindo o que prometemos no escrito anterior, transcreveremos um importante caso de cura de paralisia total, desde nascença, do braço duma criança.

Essa cura original, — e muitas outras, algumas das quais levaremos ao conhecimento do publico nos proximos artigos, — foi levada a efeito na «Sociedade Propagadora do Magnetismo Curador», sediada, conjuntamente com o Centro Espírita «Discípulos de Francisco de Paula», à Avenida 28 de Setembro 78, terreo. Rio.

Os seus membros são obreiros de boa vontade, todos trabalhando por amor ao próximo, disseminando, dêste modo os ensinos de Jesus: «Dai de graça o que de graça recebeis». Eis um testemunho valioso comprovado em suas linhas gerais:

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1941.

Ilmo. Snr. Presidente da Sociedade de Magnetismo Curador.

Rio

A bem da verdade e justiça declaro que:

Aos dezesseis de Dezembro de 1938, nasceu em meu lar uma creaturinha a quem como pai, e pelos so-

frimentos apresentados ao iniciar-se a sua existência terrena, pus o meu nome, isto é Edgard.

Apresentava, então, o braço e a mão esquerda completamente torcidos, e a mão tão fechada que à proporção do crescimento das unhas, iam as mesmas entranhando-se na palma da mão, A PONTO DE FICAREM OS SINAIS INCONTESTAVEIS DURANTE LONGOS MESES, e certo estou peior ficaria se em boa hora não tivesse recorrido ao Magnetismo Curador.

Para desencargo de conciência, após três dias de nascido levei-o ao Hospital Jesus, casa aliás especializada para crianças e da qual só tenho que bem falar, pois fui atendido dentro das normas maximas da solicitude e consideração, o que tive ocasião de observar, era extensiva a todos que para lá acorriam.

Após um minucioso e demorado exame, que muito recomenda ao citado Hospital, pediram-me para levar o meu filho quando o mesmo tivesse três meses de idade, pois, segundo a opinião unânime de seus especialistas, sómente desta idade em diante poderia ser feito um tratamento adequado e suportavel pela criança.

Conforme era de esperar, ao passarem-se os três meses de ancie-dade, voltei com o meu filho completamente aleijado. Iniciaram, então, um tratamento intenso, tendo sido tirada a competente radiografia do membro defeituoso.

O citado tratamento consistia em massagens dolorosissimas, durante as quais a criança ficava exausta, de tantas dores. Assim mais três meses se passaram, durante os quais, a-pesar-da dedicação patente do facultativo, em nada modificou-se a anomalia, pois continuava tudo como dantes. Perguntei, então, ao especialista e tive como resposta o seguinte:
— E' um caso de paralisia de nascença, e portanto dificil de ser resolvido. No entretanto em tempo oportuno faremos UMA GRANDE MANOBRA em seu braço, e então será possível que após a mesma e com uns três anos de tratamento, consiga-se, senão a cura, pelo menos uma grande melhora.

Como criatura avessa a tais intervenções, pois admito-as sómente em casos muito especiais, resolvi abandonar tal tratamento, o qual de dia para dia parecia-me mais doloroso, e em boa hora rendo graças a Deus, pois resolvi tentar os passes magneticos, os quais logo de início convenceram-me da sua eficacia, sendo, portanto o método ideal, pois varios fatores concorreram para tal asserção.

1.º) E' completamente indolor, e quando esta aparece pela reação dos mesmos nem chega para afligir o paciente.

2.º) Dispensam qualquer qualidade de medicamentos, quer internos quer externos.

3.º) E' tão suave que constitue até um prazer para os pacientes, principalmente em tratando-se de crianças, pois tomam-se como se fossem divertimentos, isto é, rindo-se, tagarelando etc., e quasi sempre no final adormecem. Aos primeiros passes verificaram-se as seguintes melhoras:

1.º) detalhe muito importante o qual já devia ter citado no início da presente declaração: Desde o seu nascimento até tomar o primeiro passe magnético, o meu filho tinha um choro contínuo, como se sentisse fortes dôres no referido braço, a-pesar-do mesmo mais parecer um pedaço de carne morta, pois não tinha o menor vestígio de sofrimento. O choro cessou por completo logo ao primeiro passe.

2.º) O braço que era completamente torcido, virado para «dentro» começou a apresentar visíveis sinais de mobilidade, o que para mim e minha esposa foi uma alegria inexplicavel, pois fomos tomados das mais sublimes esperanças.

Com a continuação dos mesmos foi destorcendo o braço, e a mão abriu-se até que hoje, na graça de Deus já encontra-se na posição normal.

Outro detalhe que faltaria com a verdade se deixasse de citá-lo é que por circunstâncias imperiosas fui obrigado a parar com êstes passes por diversas vezes e por vários meses, o que certo estou se assim não tivesse acontecido já teria meu filho completamente curado. Atualmente

está novamente tomando-os, tendo recomeçado ha cerca de dois mêses, e apenas um por semana.

Para terminar, afirmo e provo, quando e onde necessário fôr, as declarações acima, pois à vista de como nasceu e como acha-se hoje, não vacilo em considerá-lo curado, faltando apenas certo movimento com a articulação do pulso, o que espero dentro em breve vêr sanado êste último obstáculo para a sua perfeição física.

Terminando a presente, antecipo em declarar que todo êste tratamento tem sido completamente gratis.

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1941.

Assinado: *Edgard da Costa Bastos.*

Rua Catalão n. 29 — São Cristovam — Capital Federal.

Não faremos aquí, os comentários que esta importante cura merece, devido à falta de espaço, o que faremos no próximo artigo.

(Continua).

Lições do Leiteiro

(Do Canhenho de um Pastor Evangélico)

O' «seu» Manoel, dou-lhe parabens, pela sua prosperidade no seu comércio de leite!

— E porquê fala assim, a senhora?

E' que hoje o leite está gôrdo, com nata grossa, sabor muito diferente, gostoso, e então eu disse a meu marido que o «seu» Manoel vai muito bem e com certeza êste leite bom é de alguma vaca nova, talvez uma holandeza...

— Não! Não! minha senhora! Eu lhe conto a história inteirinha. Não comprei nenhuma vaca nova. As vacas são as mesmas. Eu é que estou com vida nova: aceitei o Evangelho de Jesus, e essa encantadora doutrina encérra a Moral pura, que condena a mentira por pensamento, por palavra e por obra; eu não mentia por palavras diante da senhora e das outras freguezas do meu leite. Eu mentia sem abrir a boca, mas entregando-lhes leite misturado com água. Era um furto. A nórma de minha vida, de hoje em diante, está na Moral do Evangelho, e essa moral me ensina que eu não devo mentir nunca; ensina que eu não devo desejar nem fazer aos outros o que eu não desejaria para mim; que devo amar a Deus e mostrar êsse amôr amando o meu próximo, que é filho de Deus e meu irmão. O leite que eu vendia era uma mentira... Hoje eu falo a verdade, porque a minha conciência é uma testemunha silenciosa dos meus atos e pensamentos, que me aplaude quando pratico o bem, e me repreende quando pratíco um ato mau...»

— E aquela senhora ficou estupefata, vivamente impressionada. Nunca vira espetáculo semelhante! Seu marido ficou contagiado dêsse assombro estupeficador. Ambos se puzeram a meditar, e, não resistindo à curiosidade, procuraram conhecer o misterioso poder dessa leitura que virou a vida do leiteiro pelo avêsso.

No dia seguinte, a senhora lá foi ao portão do jardim, bem cedinho, muito antes da hora da chegada do homem «renascido». Lá veiu êle, com semblante de quem vive alegre e sem preocupação. «Olhe, *seu* Manoel, eu estou curiosa por deitar os olhos nêsse tal Evangelho que tirou a água do leite...»

No dia seguinte d. Margarida recebeu um exemplar da Bíblia Sagrada, traduzida em português pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo e editada pela Sociedade Bíblica Britânica.

. . . .

Um mês depois, o próprio leiteiro é que ficou estupeficado ante a radical transformação operada na vida daquele lar, que agora conhecia de perto, pois que passou a ser con-

siderado alí como irmão em Jesus e não mais como apenas fornecedor de leite.

E o venturoso casal, que vivia sempre em plena harmonia, cercado dos seus cinco filhos, mercê da saude e da abundância de recursos, passou a ter olhos de vêr e ouvidos de ouvir, *vendo* o número incalculável dos necessitados ao alcance de sua proteção, e *ouvindo* as súplicas dos incontáveis padecentes de toda espécie que arrastam a existência como só êles sabem, sob a vigilância dos olhos paternais de Deus.

* * *

Ocorreu-me citar nestas colunas a edificante história do leiteiro, por vêr nela lições que nunca perderão o sal da oportunidade. E' mais um dos retalhos tirado do baú velho do meu protestantismo (e êsse aí, data de 1909).

Mas, devo ao grande *Emmanuel*, a idéia de vir a público com esta narrativa, que ouvi dos lábios de piedoso pastor protestante, e êste relatou o episódio, verificado no vasto campo de seu pastorado. Um dos aspéctos mais impressivos do trabalho do púlpito, é êsse: o dos casos ilustrativos citados pelo prégador, geralmente colhidos no tirocínio, na experiência própria, durante suas excursões pela zona que lhe está confiada.

Emmanuel, o iluminado espírito que nos tem dado, a nós espíritas, uma nova literatura, rica de espiritualidade, com perfume e com sabor que não são da terra—, fala-nos com a autoridade da sua longa e penosa experiência, quando fez a sua extensa caminhada nêste mundo. Quero me referir a êsse trabalho preciosissimo (e todos os seus trabalhos são preciosissimos), intitulado *«O Consolador»*, em cujas téses-perguntas, em número de 411, encontram-se todos os problemas que envólvem a vida toda do homem, seja nos domínios da Ciência e da Filosofia, seja no reino privativo dos sentimentos denominado: Religião.

O dedicado servo de Jesus, com a exatidão da matemática e com a firmeza da lógica, conduz o espírito do leitor a encontrar a desejada solução para todos êsses problemas.

De início, na solução indicada à tése numero um, diz o amoravel discípulo do Mestre (pag. 19):

«Impórta considerar, todavia, que a ciência do mundo, se não deseja continuar no papel de comparsa da tirania e da destruição, tem absoluta necessidade do *espiritismo, cuja finalidade divina é a iluminação dos sentimentos, na sagrada melhoria do homem, nas suas caraterísticas morais*» (o grifo é meu).

Está bem claro o pensamento do digno autor, confirmando aquele do Mestre: «... *e a verdade vos livrará*». Esta *liberdade* não é um faról, um holofóte: é um sol! Di-lo a transformação dêsse casal, que, *possuído* pelo Evângelho que é a palavra de amôr, mas amôr vivo, que revéla vida operante, em ação —, começou a *vêr* o mundo e os homens sob um prisma inteiramente novo, e a *sentir* a vida íntima, fundindo-a na de seus semelhantes. Lição frutificada da «conciência iluminada» do bom leiteiro.

Através da «iluminação dos sentimentos» é que o Espiritismo realizará na terra todos os milagres, todos os prodígios de que é capaz o amôr. A assistência aos necessitados deixará de ser filha envergonhada da mendicância, quando os homens estiverem com a *conciência*, com os *sentimentos* iluminados, clarificados pelo Espiritismo que é a palavra prometida, o Consolador, a Verdade. Aí, conciência e assistência estarão irmanadas para todo o sempre.

No próximo artigo soará, ainda, a palavra instrutiva do eminente irmão *Emmanuel*.

Romeu A. Camargo.

Tinha-me rido, como muita gente, do fenômeno espírita, mas o que tomei pelo riso de Voltaire, não era mais que o riso do idiota, bastante mais frequente que o primeiro.

Eugénio Bonnemere.

NOVOS RUMOS Á MEDICINA

DR. IGNACIO FERREIRA

Em Junho de 1941 foi internado no Sanatório que dirigimos, um rapaz de 22 anos de idade, completamente perturbado das faculdades mentais.

Após o seu internamento, satisfeitas todas as formalidades necessárias, ouvimos dos seus dois irmãos mais velhos, o relato dos pormenores da sua doença —

Há quatro anos vinham arrostando aquela vida, procurando um recurso para o irmão que, desde aquela data, aos poucos, foi mudando os seus habitos, passando a conversar com todo mundo, perturbando o sossego da pequena cidade onde moram, provocando queixas e rixas que só não trouxeram más consequências devido ao grande número de amizades que possuem. O rapaz, antes, quiéto, trabalhador, sensivelmente se foi descuidando das suas obrigações, requerendo grande vigilancia por parte dos irmãos e amigos temerosos de um mau desfeixo consequênte do seu modo de proceder, penetrando na casa de qualquer pessoa, quebrando objetos, subtraindo tudo o que encontrava ao seu alcance. Com o tempo, desaparecia de casa, andando pelos matos, sem destino, pouco se importando com a sua própria higiene, pois vivia sujo, esfarrapado, vestes rasgadas. Esteve em tratamento com vários médicos, gastaram o que não lhes era possível, chegando mesmo a interná-lo em uma casa de saude onde esteve durante vários meses

Ultimamente, tornou-se mais perigoso, pois avançava contra qualquer pessoa, pouco parando vestido, gritando a noite toda, recusando medicamentos e mesmo alimentos. Embora pertencentes a familia católica, praticante, aceitaram o alvitre em trazê-lo para Uberaba na esperança de mais uma tentativa. Na família, ninguem com perturbação mental. Sem vícios e sem molestias graves à contribuirem para o seu estado de desiquilíbrio mental.

Mais um simples relato, onde, concomitantemente com as manifestações de sofrimento, angustias e sacrifícios, propositalmente aquí não incluidas ressaltariam as queixas amargas contra médicos que nada entendendo de certas especialidades, não têm o senso preciso para encaminhar os seus doentes àqueles que melhormente possam empregar outros recursos que atenuem os seus males.

Apegados ao ouro, pouco se importam com o mal que vai corroendo o organismo do seu enfermo, lançando mão de tentativas que suas proprias conciências muitas vezes condenam. A ganância e a falta de critério e de senso de responsabilidade médica não deixam de contribuir para que seja bem elevado o coeficiênte de loucos incuraveis.

Quantas e quantas vezes, casos de obsessão ou disturbios físicos não chegam aos hospitais especializados após a passagem por terapêuticas ou tentativas as mais disparatadas, tentativas que só contribuiram para perda de tempo, impossibilitando um socorro rápido e eficiente ?

Quantas vezes não contribuem, também, com recursos insensatos, para aguçar o mal, lesando novos orgãos, quando não intoxicando todo o organismo ?

São dezenas, centenas de casos que poderiamos ter amparado e que, no entanto, nos vimos obrigados a transferir para manicômios do Estado, à procura de outros recursos ou à espera paciênte do dia da libertação do seu espírito !

O médico conciencioso procura guiar a família do seu enfêrmo aos diversos especialistas e jamais tomam, sob a sua responsabilidade, casos que estão fóra das suas possibilidades e dos seus conhecimentos...

E' o caso dêste enfêrmo.

Médicos que abrangem todas as especialidades, dêsde a Pediatria até a Psiquiatria, farmacêuticos que se arvoram em especialistas, raizeiros, todos contribuiram não só para o seu definhamento orgânico, como também, para maior afinidade dos fluidos do obsessor, profundamente intoxicando o seu psiquismo.

Quando o examinámos, constatando o seu depauperamento orgânico, a intoxicação e mau funcionamento de orgãos

essenciais que há tantos meses não recebiam a medicação necessária para facilitar seu metabolismo, pouca esperança nutrimos a respeito da sua cura, dando-lhe um prognóstico duvidoso.

Constatando ser um caso de obsessão grave, terrivel por ser provocada por

um espírito conciênte e vingativo, contrariando nossas normas de proceder, tivemos que lançar mão dos recursos da terapêutica material, desintoxicando e amparando o seu organismo.

Depauperamento orgânico pronunciado e sob a irradiação tremenda de uma entidade conciênte e vingativa, sofreu muito, passando por fases de alucinação e agitação continuas, alhêio ao tempo e lugar.

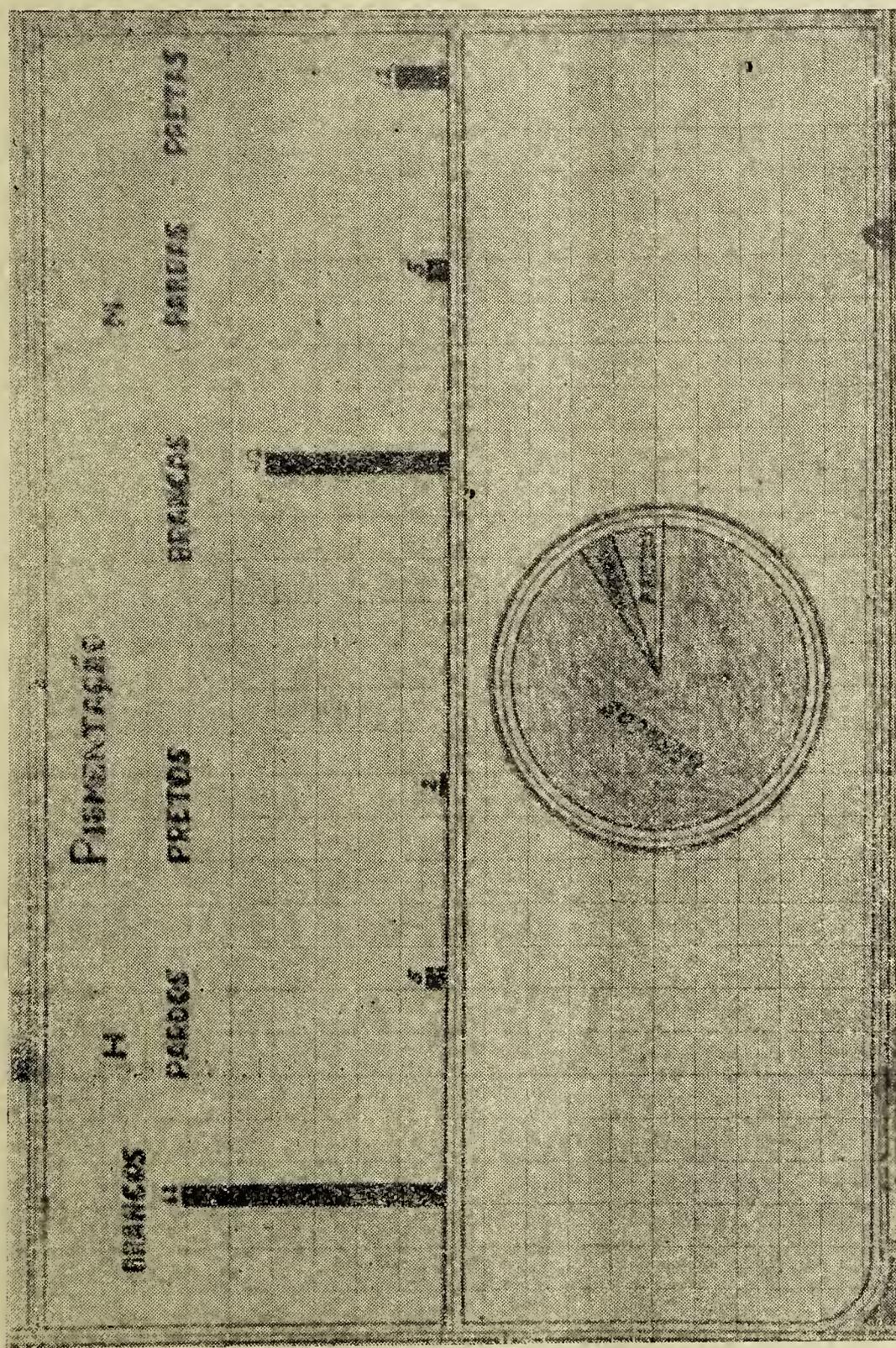
Previamente, sua família fôra avisada do nosso prognóstico duvidoso, estando, assim, preparada para receber a noticia de uma impossíbilidade de cura, quando não, de um desenlace fatal, que parecia melhor para êle, pois, seria a libertação do espírito !

Felizmente, para a família e grande contentamento para nós, ficou radicalmente curado, voltando a se integrar na sociedade, como cidadão util e produtivo.

Felizmente para a família, porque, de católicos militantes, cairia no desespero, pensando em jamais revêr o filho, e contentamento para nós, pois era mais um caso a se juntar aos muitos outros, como demonstração da verdade e da eficiencia da terapêutica espírita.

Durante todo o prolongamento da sua obsessão, jamais conseguimos falar com o seu obsessor. Somente no dia em que deixou o Sanatório, demonstrando a alegria por ir revêr os seus, é que tivemos oportunidade de conhecer os pormenores da prova pela qual acabara de passar.

Estavamos, eu e um amigo, em vi-

sita a médium com quem trabalhamos, quando, sem que o esperassemos, notámos, que se processava uma incorporação com signais evidentes de que era uma entidade não afeita a êsse gênero de comunicação.

Concentrámonos e nos dispusemos a ouvir o visitante inesperado.

Passou-se um minuto, passaramse dois, três, cinco, de um silencio absoluto e embora reconhecessemos o estado sonâmbúlico da médium que se conservava de cabeça baixa, como que refletindo sôbre o que fosse transmitir, não iniciamos a palestra, respeitando a vontade do visitante.

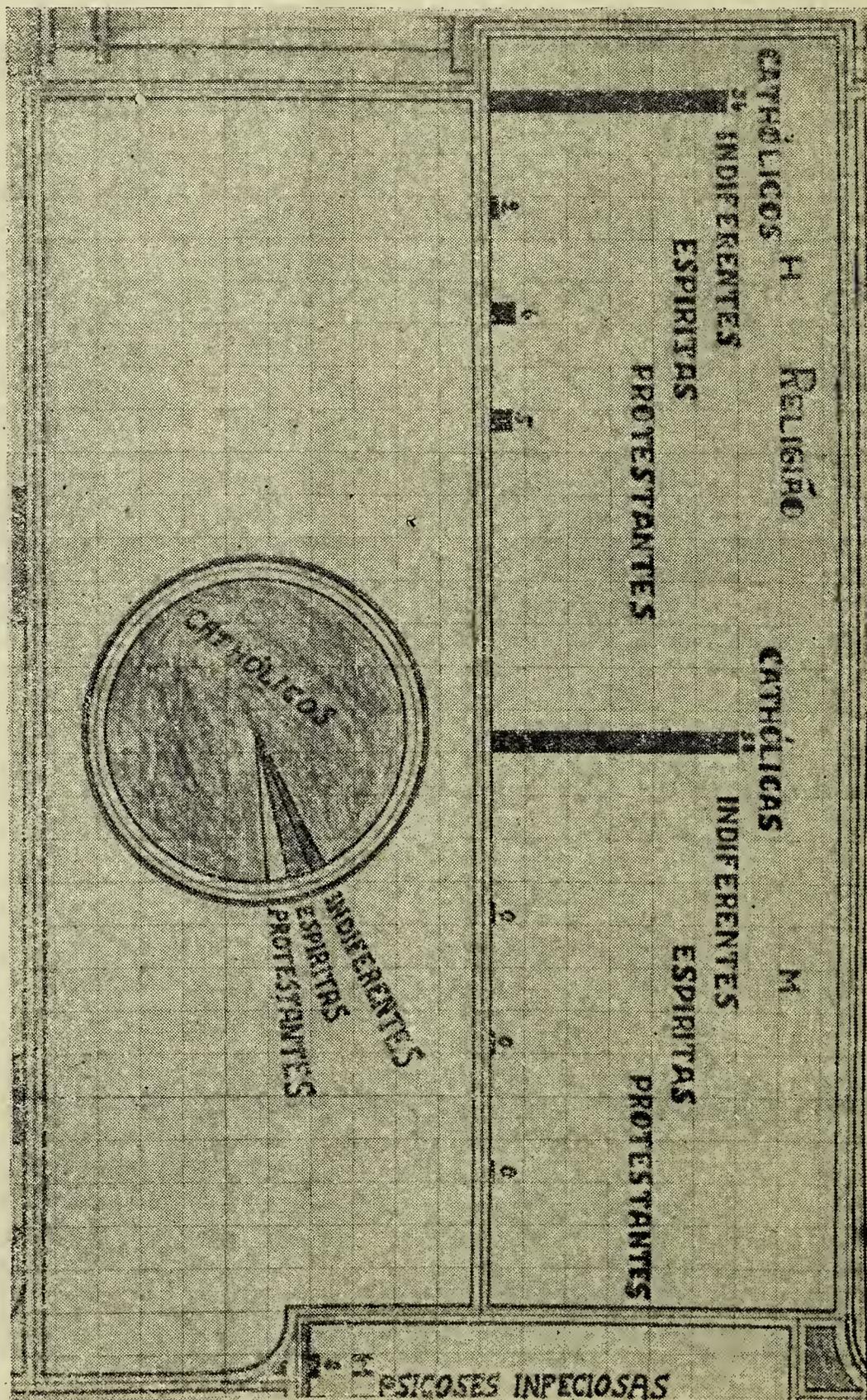
Os minutos são iguais, pois o tempo só possue u'a medida, mas existem ocasiões que parecem sêr longos, dilatados, como aqueles cinco de concentração, em um ambiente familiar, à espera de algo de valôr...

Após aquele lapso de tempo, vagarosamente ergueu a cabeça e, lentamente, com voz magoada, assim principiou o seu relato : —

«A música, fala mesmo, à alma, despertando as nossas recordações...»

Só, então, notamos que um rádio vizinho transmitia uma dessas valsas antigas, valsas que falam, de facto, ao coração, despertando lembranças guardadas sempre, nos escaninhos da memoria...

«Sempre gostei de música e, quando aquí entrei, feriram-me os ouvidos, as notas desta valsa triste e lenta, len-

ta como a própria tristeza... Foi por isso que não os cumprimentei, conservando-me em silêncio, à espera de que terminasse...

Está-se demorando e embora os

senhores não demonstrem impaciência, aquí estou a pedido de um amigo para lhe transmitir a minha história o lhe revelar a minha coopartícipação no caso dêste rapaz que foi embora, hoje.

Sou daqueles que acham que se deve desfiar as recordações do passado, quando essas mesmas recordações trazem, ao mesmo tempo, alegria e felicidade.

As más—para que ? Todavia, êsse amigo que aquí me trouxe disse que o senhor precisava dos pormenores, para uma observação, um artigo. Assim sendo, não faço questão de recordar, mais uma vez, essa fase triste da minha vida.—Apenas, uma cousa lhe peço, — não publique nomes, pois, pessoas que tiveram coopartícipação na minha vida, ainda vivem nesta cidade e não desejo magoas e arrependimentos para ninguém.

Possuia um rancho em A., junto do brejo B., muito conhecido por boiadeiros desta região, ainda vivos e que tenho certeza, ainda se recordam de mim. Era aleijado de uma perna, aleijão consequente de um tombo. Meu rancho era ponto de parada para os boiadeiros e recordo-me perfeitamente das nossas reuniões, à noite, com desafios na viola.

Uma ocasião, parou no meu rancho, o pai dêste rapaz, chefiando uma comitiva que levava uma grande boiada para Mato-Grosso. À' noite, houve um roubo no rancho e o pai dêste rapaz, apontou-me como ladrão. Pobre, aleijado, doente, me vi amarrado a uma árvore, sofrendo as maiores torturas, vexames e humilhações, pagando inocentemente, um mau ato que havia sido praticado pelo próprio pai dêle, com sua coopartícipação.

Fiquei sem o meu ranchinho, onde morava só, sem família.

Mais pobre, ainda, perambulei por vários lugares, vivendo com um sacrifício tremendo, indo morrer, dois anos depois, de maleita, nas margens do Araguaia.

Quando reconheci o meu estado de espírito, perambulando pelos lugares que me eram familiares, encontrei-me com um velho que havia sido vizinho do meu algoz e que, por sua vez, havia sido por êle assassinado e lançado em Lagôa Dourada. Juntos, alimentando o mesmo ódio e os mesmos desejos de vingança, saímos à procura dêle e fomos encontrá-lo na antiga capital de Goiáz, já nas vascas da morte. Assisti, ainda, ao espectaculo de seu espírito apegado ao corpo, sofrendo horrivelmente, rodeado de outras vítimas da sua maldade, pois fôra um verdadeiro carrasco. Ha pouco, encontrei o rapaz, tendo por pai atual, um antigo companheiro que tomava parte, também naquela comitiva e havia auxiliado na minha tortura e no meu vexame. Auxiliado pelo velho que encontrei, elaborei um plano para fazer desta criatura, um ladrão. Queria que fosse preso, maltratado, passando pelos mesmos vexames e humilhações pelos quais passei, tendo êle contribuido, para isso. Quasi cheguei a realizar o meu propósito, mas, aquí, encontrando antigos conhecidos, aceitei os seus conselhos e resolvi deixá-lo em paz. Vou, agora, a Campo Grande, ver se encontro uma pessoa amiga, pela qual tive veneração.

Caso algum dia precisar de mais informes, estarei às suas ordens.

—

Ao voltar para casa, procurando repouso contra as fadigas do dia, já recolhido ao leito, procurava memorizar e coordenar os factos narrados quando, no silêncio noturno, trazidos pela quietitude da noite, sons de um rádio longinquo feriram os meus ouvidos, na tradução de uma valsa triste . . . e pelo Caleidoscópio da minha memória, foram se desenrolando os factos da minha própria vida, felizes uns, tristes outros, tormentosos, os demais, fazendo com que desse razão àquela entidade amiga quando disse que a *música fala mesmo à alma, despertando as nossas recordações . . .*

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Analisando Factos

Por Frederico Duarte — Manchester

Jornalista à Fôrça!

Mesmo muito antes de se ter dado aquele incidente na Longsight Spiritualist Church, fui um belo dia convidado a ir tomar chá em casa de uns amigos, cuja esposa era e ainda é, uma médium muito honesta.

No final da refeição ela disse-me: — Você se soubesse o que lhe vai acontecer no próximo futuro abriria a bôca de pasmo! Um facto certo é êste: — Você já vai para alguns anos que escreve para Portugal sôbre assuntos de desporte, etc., mas prepare-se, prepare-se que quando muito menos o imaginar, começará a escrever não só para Portugal como para o Brasil e aquí para os inglêses artigos sôbre Espiritualismo! E afirmo-lhe ainda mais isto: — Vejo você no palco dum grande teatro ou Salão Nobre a falar às massas!

O marido e eu começámos a rir e... pedimos licença para sairmos juntos para compartilhar de alguns copos de cerveja!

Não levou muito tempo não, quando eu comecei a escrever para o «Two Worlds», sob o nom-de-plume de F. Etraud!

E meses depois vi me efectivamente durante uma semana em Glasgow, atuando como um dos interpretes para os Congressistas do Congresso Internacional dos Espiritualistas!

Naturalmente que, uma vez apresentado a Ernest Oaten, me foi facil vir em contacto com médiuns, assistir a Céances, como investigador de fenômenos psíquicos, e finalmente ha mais de 3 anos ter-me juntado ao Rainbow Harmony Group, um «exclusive circle» que se reune todas as segundas-feiras em casa da famosa médium de transfigurações Madame F. Bullock.

O' senhor padre de Ponta Grossa! Quem me déra a mim a que pudesse vir aquí a Manchester um dia para eu poder oferecer-lhe mais do que uma oportunidade para se convencer de que os Espiritualistas não são uma seita patronizada pelo Diabo!

Por diversas vezes que já tenho ouvido, falado, sido tocado e beijado e *visto distintamente a minha mãe!*

Provas disso? Temos os outros membros do nosso Grupo que o podem afirmar e ha um caso de importância no que me diz respeito. Além de minha mãe se ter transfigurado, mostrando o seu *cabêlo branco*, posto que madame Bullock ainda tem o seu preto, ninguém no Grupo, e mesmo cá fóra, sabe qual a forma como minha mãe me chamava. Os amigos íntimos chamam-me FRED. Minha mãe conheceu-me sempre por FREDERICO! E os nomes que ela me deu de pessoas amigas e de família que diz ter visto e que me «enviam beijos e saudações?» Nomes como por exemplo, «tia Virginia», «irmão Manuel», «teu padrinho», etc., *em português*, quando Madame Bullock só conhece a sua língua materna!

Um investigador não precisa de muitas provas para se convencer se está em frente de fraude ou não.

Aquí na Gran Bretanha entre os espiritualistas ha centenas e centenas que me conhecem sómente por F. Etraud; ora F. nada indica, pois podia muito bem ser Frank, Filipe, etc., etc. Em Portugal, Brasil, e na Gran Bretanha, tenho amigos que quando se dirijem a mim o fazem por diferentes modos. Frederico, Frederico Duarte, senhor Duarte, Mister Duarte, Mister Etraud, e Fred, outros deixando o mister ou senhor fóra.

Eis pois um belo «test». O Cairbar Schutel, por exemplo, em todas as cartas que me escreveu, dirigiu-se a mim *sempre* por — Duarte, e foi assim como êle se manifestou quando se transfigurou e me falou por intermédio de Madame Bullock! E direi mais isto, foi absolutamente pela instigação do ilustre amigo que me decidi a escrever esta série de artigos!!

Chamo assim a atenção dos meus leitores para o que se seguirá a êste.

A Vida Interior do Espírito

Lição de Zodiaco, em Inglaterra, no dia 29 de Março de 1941, por intermédio da Snrta. Winifred Moyes, em transe — Traduzido do Jornal «The Greater World».

. . . Desejo falar vos hoje da *Vida Interior do Espírito.* Quando pensais na primavera que se aproxima, encontrais ali aquilo que vos ajudará a entender a vossa parte espiritual que, tantas vezes, ao homem fatigado, parece ser um paradoxo. Êle aceita a sua dualidade, mas, ás vezes, suas duas personalidades parecem estar divorciadas. Porém, à medida que vai adquirindo experiência e que os anos vão correndo, verá em sua personalidade mais baixa nada mais que um cavalo cujas rédeas tem na mão: A vontade da sua individualidade interior lhe regula o passo e a direção.

Em presença das incertezas do momento e da tristeza que enche os lugares aprazíveis no plano terrestre, rogo-vos que vos esforceis por tomar em consideração a vossa dualidade sem vos deixardes iludir pelos argumentos e desejos do elemento inferior, e que oreis pedindo que, no decorrer do tempo, a vossa personalidade real vá adquirindo domínio sôbre a personalidade física, sôbre os vossos lados material e mental, e que não torneis a perder tal ascendente.

Elucidação sôbre o Espírito Santo

Alguns ha que acham dificil compreender o Poder do Espírito Santo e como êle funciona: se estará separado da Divindade Interior, se é parte dela, se será um elemento que opéra dadas certas condições, por especial dispensação do Altissimo. Já tenho falado sôbre êste assunto e vou deligenciar explicar na embaraçosa linguagem da Terra, como vós e a vida tôda dependem do Poder do Espírito Santo.

Emprégo um simples símile: A união das mentes dos homens a suas mãos e ás ferramentas de que se servem, pode dar, em conjunto, origem a uma grande máquina ou objecto destinado a melhorar as presentes candições ou ao cumprimento das regras para minorar o trabalho e o esfôrço do corpo humano. Procurai compreender a fôrça mental separada do que as mãos executam, toda a necessária inspiração, o enorme trabalho dos invisíveis afim de encaminhar a mente física do homem, para que esta possa reproduzir sôbre o plano da Terra qualquer manifestação útil da grande eficiência predominante na Vida Espiritual.

Tendes, em primeiro lugar, o labor de alguém na carne, depois, quando as vossas idéias estão especificadas, como dirieis, no papel, ha a tomar em consideração a parte prática; e sómente após muitos meses, ou mesmo anos, estará concluido isso que terá beleza e utilidade.

Mas que proveito poderá dar tal grande máquina sem a fôrça motora, sem aquêle elemento extraordinário que põe em ação as peças que tanto exigiram na parte mental do homem? Assim pois, meus amados, os que planeiam aquilo que é destinado a ser usado pelo homem, têm de pensar, antes de tudo, no poder regulador, na fôrça impulsora que ha de transformar o metal bruto naquilo que tenha vitalidade, porquanto, sem êsse impulso, será inútil o objécto em questão.

O que a eletricidade representa

E' assim que o homem tem no maior apreço aquilo a que vós chamais eletricidade. Tenho já procurado explicar-vos que a fôrça a que dais o nome de eletricidade — da qual pouco se conhece, a não serem seus efeitos — é, por assim dizer, a mais rude demonstração do Poder Espiritual. Essa fôrça, se me for permitido empregar êste termo de física, é uma manifestação do estágio elementar do grande e predominante Poder Divino que dá vida e movimento à multidão de criações emanados da Mentalidade do Amor.

Se percorrerdes o Livro Sagrado, haveis de encontrar em forma de parábola, uma pequena ilustração que vos ha de auxiliar em vosso raciocínio. Diz-se ali que Deus fez isto, que Deus fez aquilo e depois criou o que se considera ser a imagem do Proprio Pai. Mas aqui vos pe-

ço que ponhais de lado a forma física a qual é o veículo carnal em que agora vos encontrais, visto que o corpo que bem ou mal vos serve nêste estágio, é apenas um arremêdo daquele corpo maravilhoso imaginado e vivificado pelo Altissimo. Porém, quando êsse corpo foi feito, segundo a imagem divina, faltava-lhe alguma coisa: Foi então que simbolicamente «Deus inspirou um assopro de vida» naquilo que havia criado, e assim ficou impregnado de vida! (Genesis 2/7)

As funções do Poder Divino

Vêde, meus amados, e embora eu tenha de me desviar da minha exemplificação para dar uma pálida idéia das verdades divinas, que tendes desde logo alguma coisa que vos fará compreender de certo modo as funções do Poder do Espìrito Santo; e ainda mais, podereis logo ver que se Deus tivesse apenas criado o homem à Sua imagem e não o carregasse desta grande fôrça, aquilo que havia feito não passaria de uma paródia da Divindade e do Divino Amor.

Tomai em vossas mãos a florinha e procurai ver a parte do Espírito Santo que ela reflete. A flôr tem certamente uma vida efêmera, mas êste estágio é breve. A doçura que tendes na mão é apenas um reflexo da glória, expressa em côr, em contextura e em aroma, daquilo que foi criado por Deus o Pai, em passado mui distante.

Conservai sempre de memória êste facto importante: Sem o Espírito Santo não seria absolutamente possível existir a vida! Podia haver muitas imagens, porventura coisas que excitassem a cobiça do homem, embora delas se viesse a aborrecer, porque permaneceriam inanimadas. não sòmente sôbre o plano da terra mas por todo o tempo.

Pensai por momentos no que chameis pedras preciosas. Ás vezes depois de terem passado pelas mãos do homem, elas estão vibrantes de vida e luz. Encontra-se aqui uma verdade incomparável. Fôra dado ao homem o domínio de todas as formas de vida; e bem se compreende que sem a possível ação do homem sôbre a pedra inerte, a vida nela contida permaneceria sepultada. E aquí se vê em miniatura parte da grandiosa lei da vida e existência.

A parcela do Espírito Santo no homem

Que representa para vós o Espírito Santo? Será a vitalidade física? Não! Todavia a vitalidade fìsica não se encontraria em vós sem o Espírito Santo. Entretanto, existem diversas graduações de poder, e o Espírito Santo é a mais elevada manifestação de atividade ou de fôrça impulsiva que alguém possa conceber, visto que, conforme tenho já explicado, nem aquêles que estão mais perto do Trono da Graça é dado compreender o que a Divindade significa. O inferior não pode penetrar no superior, embora — e por isso damos graças ao Pai! — o superior possa ter sempre limitada expressão no inferior.

Dêste modo, abstraimos, por assim dizer, do corpo físico e de suas múltiplas funções — a vida existente no sangue e o poder da mente física — e chegamos ao corpo anímico, o qual é a vestidura seguinte, que tereis quando a que agora possuís tiver terminado a sua missão.

Até onde manifesta o corpo anímico o Poder do Espírito Santo? Aquí encontrareis, ainda, a aplicação da Lei. Sem o Espírito Santo, não podia existir o corpo anímico; e contudo se se dissesse que o corpo anímico era uma exemplificação do Poder do Espírito Santo, isso seria um completo desacêrto porque, notai isto; no íntimo de tudo quanto foi criado pelo Altissimo, existe um fragmento apenas na sua grandiosa origem; e é mister tentar compreender como êsse fragmento funcionará quando recuperar a Vida que lhe foi dada em mui distante passado.

Factos que dizem respeito a Trindade

E aquí nos aproximamos um tanto do papel grandioso que o Espirito Santo desempenha. Muitos entendem a Divindade sob a forma de Trindade, e isso os auxilia. Eu já expliquei que, embora a Trindade, conforme o homem a admite, esteja incluida na Divindade, suas três manifestações se destinam apenas a exprimir na vossa linguagem as mais elevadas manifestações de Deus Pai e Criador da Vida Inteira. Portanto, se vós limitardes Deus à Trindade, estareis como que entrando em um campo terrestre; e então deixareis de pesquisar os Reinos do Espírito embora vos estejam franqueados, visto que o entendimento ainda o não alcançastes.

Pensando em Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, não os podeis separar, como também, não vos é possível separar o Grande Criador de alguma forma de Vida, em qualquer mundo. Entretanto, a vossa mente física encontra na Trindade uma mais inteira manifestação da Vida, do Poder, do Amor e da Sabedoria perfeitos.

E assim, meus amados, falando com toda a reverência, não deveremos, nêste vosso estágio de desenvolvimento, procurar considerar o Espírito Santo como fôrça impulsora, não imprimindo apenas movimento ás muitas atividades de cada mundo, mas s e r v i n d o como de ponte ou de porta pela qual as formas finidas da vida podem entrar em contacto com a Vida Infinita, com essa Vida que criou todas as formas, e contudo permanece completa e perfeita?

Êste ponto poderá trazer dificuldades às mentes de alguns; mas, se pensardes em qualquer grande músico ou artista, haveis de ver que êle desperta e chama à vida os filhos na sua imaginação e que isso não a empobreceu, e também que pela divulgação, conforme a Lei Divina, maior fôrça inspirativa se libertou. A mente física estará agora em melhores condições de receber, como dirieis, mais irradiações da vida proveniente do que representa a mente do Espírito.

Pensando, portanto, em todas as formas de vida que emanam do Grande Criador como pensamentos materializados, podeis, entender logo que esta expressão de Amor não implica limitação, mas antes vos indica, dentro dos limites do vosso entendimento, que a Lei continua em operação. Aquilo que vemos na vida em outros planos e sôbre o plano da Terra não é mais do que parte da grande ordem de pensamentos da Mentalidade Infinita, a Qual os alimenta e espalha para proveito alheio.

Eu certamente, não vos poderia falar assim senão pelo Poder do Espírito Santo. Poderia, como dirieis, tomar êste instrumento; mas, a menos que a médium fôsse animada pela vida do Espírito, ela seria apenas um corpo inerte, e as leis de Deus não podem ser infringidas. A vida tem de exprimir-se pela vida; de outro modo, meus amados, e podeis vê-lo por vós mesmos, o barro inanimado poderia ser utilizado por entidades perigosas; e então alguma forma de vida de terrível aspecto poderia ser sustentada por êsses que sairam a destruir. Não vos esqueçais de que êles já tentaram essa prática, mas pelas leis de Deus, as consequências disso serão sempre a falência, conforme tem sucedido em todos os tempos.

Jamais deveis esquecer as leis divinas, meus amados! Alguns discutem por que não acontecem mais milagres à superfície da Terra. Existem as hostes angélicas, os guias e os protetores, os que adquiriram o Poder Divino e os dons do Espírito Santo: Todavia êles não podem operar no plano terrestre sem que o indivíduo entre em contacto vital com a Santidade, o que permitirá aos que se encontram na carne ver e ouvir coisas maravilhosas.

Conservai sempre isto de memória: Os milagres dependem dos instrumentos sôbre o plano da Terra! Tendes contudo visto mais de uma vez, e a história o revela, que, nos tempos de grande sofrimento e de grande sacrifício, o poder interior tem podido entrar em contacto com o Poder exterior e que aquilo que parecia inanimado e inutil se torna cheio de vida e de utilidade; e então vos maravilhais por essas manifestações do amor e doce entendimento do que é mister aos que se encontram no plano da Terra.

No dia de ontem (em Dunkerque) com alegria de quantos o presenciaram, tivestes a expressão desta lei: No dia de amanhã, em harmonia com o sacrifício e a vontade de entrar em contacto com a Santidade e servir a vossos irmãos, serão ainda vistos milagres sôbre o plano terrestre, e muitos que descriam de Deus e das leis Divinas acabarão por se convencerem.

Quando passardes ao estágio seguinte, haveis ainda de perguntar: O que é o Espírito Santo? Quando olhardes em volta e virdes alguns segredos da Natureza desvendados aos vosso olhar arrebatado, quando encontrardes homens e mulheres que eram, outrora, velhos e tristes e doentes, vos haveis de regozijar, porque o Poder do Espírito Santo se manifestara a ponto de se produzirem essas maravilhosas transformações . . .

Divagações

Walter Radamés Accorsi

TUDO no Universo, em última análise, é vibração. A própria matéria, na sua aparente estática, está em permanente vibração, pois os átomos que a constituem são verdadeiros sistêmas planetários, infinitamente pequenos, em movimento eterno. A inércia, encarada sob êste prisma, é uma utopia.

O calor, a luz, a eletricidade, resultam do movimento vibratório das moléculas dos corpos e se propagam pelo éter, fluído imponderável, inerte, elástico, que penetra íntimamente todos os corpos sólidos, líquidos ou gazozos e que enche os espaços siderais.

Sendo o pensamento uma forma de energia, qual seria o meio de sua propagação? O próprio éter ou, então, um meio mais sutil ainda? Para chegarmos à conclusão que desejamos, entremos, primeiramente, em algumas considerações.

Atualmente, a natureza íntima do pensamento humano permanece misteriosa. Contudo, sabemos que não se trata de um produto segregado pelo cérebro, tal como o afirmam os fisiologistas que apenas consideram a matéria, à semelhança dos demais órgãos que compõem o maravilhoso organismo humano. Se assim fôra, fácil seria determinar-lhe a essência. Todavia, parece-nos que o pensamento é uma vibração dotada de faculdades especiais que a distinguem das demais vibrações de ordem puramente física. E' qualquer cousa perceptível por nós, porque é parte integrante de nossa alma, porém, é indefinível por não ser comparável a cousa alguma. Talvez seja a mais transcendente das vibrações, até então conhecidas, e sucetível, ainda, de aperfeiçoamentos.

Enquanto nos encontramos na condição de incarnados, o cérebro é a séde, a matriz, o aparelho transmissor e receptor do pensamento, por meio do qual nos pomos em contacto com os nossos semelhantes e com o mundo físico. Mas, uma vez despojados da indumentária terrena, a compreensão, o entendimento entre os espíritos, se faz única e exclusivamente por meio de vibrações psíquicas. Desta maneira, quando formulamos um pensamento, origina-se, concomitantemente, uma vibração, que se propagará pelo espaço, através de um meio que não seja de natureza material. As comunicações entre os habitantes dos dois mundos são feitas por meio de vibrações psíquicas.

Cousa interessante o pensamento: a-pesar-de ser emitido pelo cérebro, êste, contudo, não é percebido por êle. Parece que o pensamento ignora o centro de sua irradiação. Por maior esforço que façamos para perceber, sentir, vêr psiquicamente o cérebro ou qualquer outro órgão interno, não o conseguimos. Quais as razões dêste fenômeno? Não o sabemos. Ao futuro compete resolver o problema.

Prosseguindo nesse belíssimo quão complexo terreno, podemos perceber que as ondas psíquicas se propagam num meio que se nos afigura completamente exterior à matéria. Realmente, quando examinamos ou observamos um corpo, não só o fazemos por toda a sua superficie externa, como, também, podemos penetrar-lhe a essência. Quer dizer que o corpo, que é tridimensional sob o ponto de vista matemático, é analisado por uma forma de energia — o pensamento — que, para tal, deve pertencer a um campo de mais de três dimensões, para poder abarcá-lo em sua totalidade. E durante o exame sentimos que a matéria não lhe oferece a menor resistência a sua penetração; que êle circula, por assim dizer, livremente pelo âmago da substância interpretando-lhe a estrutura íntima, tal como nô-la apresenta, hoje, a ciência. Ora, o éter, que tudo penetra, é, por sua vez, devassado por essa extraordinária forma de energia — o pensamento, de sorte que é forçoso convir em que a sua propagação se dê num meio ex-

terior à matéria e ao próprio éter, para poder sentir a ambos em toda a extensão.

O pensamento, por conseguinte, é o agente segundo o qual a alma humana se põe em contacto com as cousas. Dilata-se com rapidez vertiginosa pelo espaço imenso, tal como si fôra uma onda esférica, cujo raio crescesse indefinidamente, tentando, numa espécie de ânsia incontida, tocar as ráias do infinito. Com a mesma rapidez retrai-se, para concentrar-se no polo oposto, isto é, no mundo do infinitamente pequeno. Com velocidade fantástica se desloca de um extremo a outro do Universo, sem encontrar, nessa maravilhosa trajetória, o menor tropeço, sem sofrer o mais leve atrito. Dir-se-ia que o próprio Universo se move dentro dêsse campo deslumbrante do pensamento humano. E não será através dessa via luminosa, impregnada de harmoniosas vibrações, que deveremos caminhar para encontrar Deus? Evidentemente, precisamos aperfeiçoar todos os atributos que exornam a nossa alma, afim de oferecermos a maior superfície de contacto com a eterna fonte da vida que vive por detraz do Universo físico — DEUS.

Razões profundas, pois, assistiam a JESUS, quando sentenciou: «Sêde perfeitos como vosso Pai que está nos céus é perfeito».

Piracicaba, 3 de Janeiro de 1942.

A CONFERÊNCIA DO LICEU

Crônica de LEOPOLDO MACHADO

Nosso primeiro contacto espiritual com o mundo profano de Salvador foi a 14 de Janeiro. Foi esta a noite mais bela em nossa vida modestissima de propagandista da Terceira Revelação!

Marcada a conferência para as 20,30, chegaramos meia hora antes, encontrando já abarrotado o salão nobre do velho LICEU DE ARTES E OFICIOS, a decana das instituições sociais da terra em que tivemos a dita de renascer na presente existência! Seu ilustre e gentilissimo presidente, dr. Edgard Barros, toma-nos pelo braço, a dizer:

—Venha, Prof. para a secretaria, até a hora da conferência; até que lhe venha buscar a comissão de praxe, para a sua apresentação da etiqueta à assistencia.

— Nós, espíritistas, dispensamos estas formalidades e etiquetas, doutor. Tudo no Espiritismo é muito simples e sem formalismos e pragmaticas. Ficando, ademais, aquí posso rever velhas amisades que, porventura, me venham ouvir.

Ricardo Machado, que preside a grande reunião, patrocinada pela UNIÃO ESPÍRITA BAHIANA E INSTITUTO KARDECISTA fraternizados, faz, generoso e eloquente, a nossa apresentação, dizendo umas coisas bonitas de nós, que não se ajustam — diz-nos a conciência — ao que, porventura, somos e valemos. E pusemo-nos a falar sôbre a RAZÃO E A FÉ. Falamos até ás 22,30. A assistência, que abarrotava o vastissimo salão, de que faziam parte criaturas que nunca ouviram e leram nada de Espiritismo, deu-nos a honra de uma grande atenção e compensador interêsse. Comprimiam-se ali velhas amisades dos três meios diferentes em que viviamos, quando deixaramos, ha 22 anos, Salvador: amisades de nosso meio pedagogico, literario e espiritistico.

Não sabemos como agradecer a Deus a grandissima esmola que nos concedera naquela noite, incontestavelmente a mais significativa de nossa existência de espiritista! Não o sabemos! Ali estava a ouvir-nos gente que nos conhecera, 22 anos antes, como poeta, jornalista e professor! E gente que privara conosco ha mais tempo, como funcionario subalternissimo da *Docas do Porto!* E gente que, ha bem mais tempo, nos havia dado a concertar seus sapatos, como sapateiro que fôramos! E gente a quem, em 1910, serviramos à mesa de um restaurante, como *garçon*, que eramos! E gente que nos conhecera ha muito mais tempo, em Plataforma, a fiar,

tecer e prégar sapatos na grande fabrica lá ainda existente, que visitaramos, para matar saudades, na vêspera! E gente que, muito antes, havia matado muita fome nossa! E gente que nos conhecera ao nascer, que nos pintara, com precisão, o logarejo inferiorissimo, a casa velha e pobre em que, na presente existência, viéramos ao mundo! Quantas graças, Senhor, que tu conferiste, na noite de 14 de janeiro de 1942, a êste servo teu! que teve a graça de ser ouvido e levado a serio por criaturas que nos conheceram em épocas e circunstancias tão diferentes! Quantas graças, meu Senhor!

Radicou-se-nos, mais uma vez, a certeza de que ao Espiritismo só está faltando, para a sua absoluta difusão por toda parte, uma propaganda direta, eficiente, acreditada por prégações evangélicas convincentes, exemplos e obras. Só lhe está faltando uma prégação inteligente, persuasiva e forte, que aclare inteligências e desça fundo a corações...

Ha muito mais gente do que podemos presumir à esperá-lo, lá fóra, de quem lhe esclareça, persuasivamente, o espírito e, cristãmente, lhe sacuda o coração, para vir comungar conosco na grande e bela obra da reforma da humanidade, à força do Espiritismo, dí-lo Kardec por outras palavras! Alí estavamos nós a meditar, no final da reunião, na sentença de Allan Kardec, desejando, intimamente, que outros, com mnaior capacidade, cultura e meritos, procurem fazer o que estavamos fazendo, sinão mais, muito mais do que faziamos!

«Ide e prégai!» ordenou o Cristo a seus apóstolos. Mas, os apóstolos morreram, sem que a Doutrina do Cristo houvesse morrido. E andam a dizer os Espíritos de luz que são os espiritistas os cristãos modernos... Se tudo e todos que desaparecem devem deixar continuadores ou substitutos, os apóstolos e a doutrinação dos Evangelhos não podem nem devem abrir dolorosa exceção!...

«Ide e prégai» deve ser, para nós, uma das funções precipuas do Espiritismo, um dos deveres primordiais dos espiritistas...

Saibamos, pois, irmãos meus, levar por diante esta função e cumprir, cristãmente, êste dever!

Paz, Luz e Fé.

Cidade do Salvador, 15/1/1942.

O Mundo dos Fluidos

Estudos Psíquicos | *Por Manuel Tavares*

VIVEMOS cercados por inúmeras vibrações luminosas, caloríficas, sonoras, elétricas e psíquicas; todavia, não as podemos sentir em tôda a sua plenitude, porque os nossos limitados sentidos não alcançam a gama completa dessas vibrações. Se tentarmos ultrapassar os limites máximo e mínimo que a Natureza nos traçou, dentro do campo infinito dessas vibrações, sentiremos as dolorosas consequências da nossa curiosidade ou do nosso arrojado atrevimento.

Quantos homens de ciência têm pago com a vida a ânsia dominadora do «mais além» e se dão em holocausto à humanidade por uma felicidade maior?

Para o nosso estado evolutivo — tanto físico como moral — a Natureza traçou barreiras inexpugnáveis e, se nos faz alguma vez a graça de remover os seus marcos fronteiriços, fá-lo com tanta parcimônia, quanto o estudo evolutivo geral da humanidade o permite, porque a Natureza não dá saltos.

Assim, um excesso de luz pode cegar-nos, e a falta de luz priva-nos do sentido da vista, exceto quando a ausência dos raios luminosos se prolongar por muitos dias; um excesso de calor sufoca e produz a morte e um excesso de frio mergulha-nos num sono do qual só acordamos no Além; um som demasiado forte pode ensurdecer-nos e um som demasiado fraco passa despercebido; um choque eléctrico de alguns volts fulmina; um excesso de ondas psíquicas pode provocar-nos alteração no sistema nervoso, obliterar-nos até

a vontade se, em certos casos, causar a morte.

Contudo, àquem e além dêsses limites que extensa gama de vibrações existe ainda!

* * *

Tudo no Universo é vibração. Tudo quanto existe — mais ou menos compacto, mais ou menos fluídico — vibra com maior ou menor intensidade. O nosso corpo físico mantém-se em atividade, devido a uma série inumerável de vibrações de vária ordem comandadas pelo perispírito — corpo etéreo, corpo astral, duplo ou como quer que lhe chamem — repositório misterioso de fôrças ainda ignoradas, e ambos agem de harmonia com a vontade emanada da alma, mas só na parte que diz respeito á tradução do pensamento em movimento, porque na que diz respeito ao mecanismo da respiração, da digestão, da circulação do sangue e do funcionamento dos vários órgãos e glândulas — mecanismo em que a volição não intervém e que se realiza numa perfeita independência da alma, sendo os vários órgãos dependentes entre si — êsse, realiza-se, em virtude de qualidades inactas adquiridas durante milhões de séculos de contínua evolução, desde o mineral até ao homem.

Todos êsses fenômenos são produto de vibrações mais ou menos intensas, como já dissemos. Onde quer que se reúnam dois ou mais electrões, existe vibração e existe matéria. Esta é mais ou menos rarefeita segundo a distância a que, entre si, se encontrarem os electrões. No estado sólido, a sua aproximação é tão grande, que a matéria se torna pesada e, na aparência, impenetrável. Dizemos—na aparência — porque, a-final, ela pode ser facilmente atravessada, não só pelos raios X ou ultra-violetas, como também pela vidência psíquica e pelos fluidos magnéticos humanos. Êste facto, só por si, destrói a concepção de matéria, se, porventura, não bastasse a sua transformação em estado líquido, gasoso ou fluídico. Do primeiro ao último dos estados da matéria, a coesão dos electrões e dos átomos vai diminuindo, ao ponto da matéria de que o corpo era constituido se tornar imponderável e invisível. Por êsse facto, não se pode, contudo, deduzir que a matéria tenha desaparecido e entrado no Nada. Ela continua a existir e, tanto assim, que podemos, por meio de um processo inverso, fazer o retôrno da matéria, do estado gasoso ao estado sólido.

A matéria de que o nosso corpo é constituido não desaparece, portanto, depois do fenômeno a que chamamos morte, tão certo é que na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Ela sofre apenas uma transformação para ir alimentar outros corpos. Ora, se a matéria continua a existir, como seria possível deixar de existir o nosso ser pensante, que dirige a matéria e no qual se albergam todos os sentimentos bons ou maus, a inteligência, a memória, que são a nossa individualidade, o nosso *Eu*? Que importa não encontrar a medicina, num cadáver, ao escalpela-lo, êsse ser pensante, se ela própria não conseguiu ainda insuflar vida ao átomo, ao reünir alguns eletrões? Que importa não nos poder a ciência oficial explicar êsse enigma da alma, senão com razões confusas, dizendo-nos que o pensamento é uma secreção do cérebro — como se a matéria bruta tivesse a propriedade de pensar e raciocinar — se ela desconhece ainda a essência íntima da eletricidade, do calor e de muitos fenômenos químicos? Seria arrojado dizer-se que o homem atingiu o apogeu da ciência e que nada mais lhe resta aprender.

Sabemos, aproximadamente, o que se passa no mundo da matéria, mas ignoramos duma maneira geral o que se passa no mundo dos fluidos, quando a-final, é neste último que reside o potencial das fôrças que regem o Universo, que conservam, em suspensão, no infinito, essas massas formidáveis de matéria, obedecendo a um fim sábio e determinado que escapa à nossa fraca inteligência de criaturas finitas.

E como a ciência académica afirma hoje o que ontem negou, não nos admira que ela negue hoje os fenômenos psíquicos, para amanhã os confirmar. Por enquanto, êles estão ainda fóra do âmbito das academias—eivadas, como estão, pela ciência materialista. Todavia, já bastantes homens de ciência, ao tratarem de estudar êsses fenômenos estranhos que destróem muitas concepções científicas, se sentiram de tal maneira atraídos pelos novos horizontes que o mundo dos fluidos lhes fez antever, que abraçaram entusiasticamente o Espiritismo e o defendem *à outrance*, fazendo afirmações que não só os honram pela sua sinceridade, como tam-

bém confirmam a continuação da existência da alma, depois da morte fulminar o corpo físico, como um raio fulmina um velho cedro.

William Crookes, o célebre físico e químico inglês, inventor do fotómetro de polarização e do miscrospectroscópio, dos raios catódicos e do estado radiante da matéria, foi um dêles. Crookes não só conseguiu provar a imortalidade da alma, como também conseguiu provar a possibilidade de comunicação dos mortos com os vivos, obtendo materializações de espíritos, das quais a mais importante foi a de Katie King, que durante três anos o auxiliou nas suas pesquisas, feitas com o mais rigoroso método científico.

Três anos de convívio com um espírito materializado, não são os três minutos que os materialistas gastam em negar os fenômenos que Crookes disse *serem, não só possíveis, como reais.*

Razão tinha Gustavo Le Bon para dizer que as experiências, na aparência mais convincentes, nunca constituiram elemento imediato de demonstração, quando elas viessem ferir idéias há muito tempo admitidas!

Crônica Estrangeira

Um crime revelado por uma trípode

«Constancia» reproduziu de «Evolução», antigo periódico madrileno, o seguinte tópico:

Transcrevemos da revista espírita «Lo Maravilloso», de Madrid, correspondente ao mês de Julho de 1909.

De Richepin, o novo membro da Academia Francêsa, relatou naquele tempo, em «Fígaro», o seguinte caso interessante:

«Poucos anos antes o ilustre escritor foi passar uma temporada na costa da Normandia, acompanhado de seu secretário. Havia alugado uma velha casinha e lá, ás noites, depois de cear, o poeta e seu companheiro se entretinham a consultar a mesa, como em outro tempo o fizera em Jersey Victor Hugo.

Certa noite, a mesa, que até então só havia dado respostas incoerentes, começou a relatar a história interessante de um crime cometido na mesma casa. O antigo proprietario fôra assassinado e não se havia podido descobrir o criminoso; mas a trípode sabia quem era a pessoa, cujo nome repetia com violência, a golpes.

Dia seguinte, o secretário de Richepin foi conversar com o comissário de Polícia da povoação. A pessoa denunciada pela mesa ainda vivia, e foi intimada a comparecer. Apenas começaram a falar-lhe do assassinato, principiou a empalidecer e, finalmente, confessou.

Estando prescrito o delito, as coisas não passaram daí, e o criminoso não ficou prejudicado. Mas depois dessa revelação, Richepin não mais *consultou* as mesas».

Contribuição ao estudo do Espiritismo experimental

La Tribune de Genève publicou uma série de artigos subordinados ao título supra, colaboração de Raoul Montandon, de que «La Revue Spirite» reproduziu o seguinte facto:

Refere-se êste caso ao violinista tchéco Jean Kubelik que, de passagem por Brigton, comprou um retrato do célebre compositor Haendel. Quando se encontrava em seu hotel, pôsse a tocar com frenesi e entusiasmo extraordinário postado diante do retrato.

«Mas alguns dias depois, escreve Jean Kubelik, recebi uma carta, que provinha duma sociedade espírita do país, a qual dizia:

«No decurso de nossa sessão de ontem, um espírito nos pediu remetessemos a Kubelik, a comunicação

seguinte: Haendel muito agradece o ter êle tão deliciosamente executado o seu «Largo».

A hora, o dia, o local, que eram indicados na carta, correspondiam exatamente ao que se havia produzido.

Eu não tenho a pretenção de explicar êste facto; muitos que leram o meu relato não puderam reprimir um riso de incredulidade. Mas eu juro que tudo é a exata verdade.

Ainda que praticamente eu nada conheça de Espiritismo, creio que muita cousa está para ser dita sôbre a teoria segundo a qual a música constitue um inestimável auxílio para estabelecer contacto entre o nosso mundo e o outro, parecendo existir nela uma espécie de poder, que é favorável à criação de uma atmosfera psiquica».

A' Cabeceira dos Moribundos

«Ali del Pensiero» reproduziu o caso relatado pelo Dr. Riblet B. Hout, publicado em «Light» e identico ao que expôs um médico inglês, de nome Dr. J. J. Bell. Um túmulo da época faraonica mostra que o desprendimento do corpo fluídico durante o sono, o transe e a morte, era cousa bem conhecida dos egípcios.

O Dr. Riblet Hout narra como, chamado a prestar socorro médico a uma tia, assistiu à sua agonia e viu claramente o desprendimento do corpo fluídico que logo se apresentou horizontalmente estendido sôbre o corpo carnal e a êle ligado por um cordão. A semelhança entre os dois corpos era chocante, o corpo fluídico mais fresco e mais moço, por assim dizer. O cordão que ligava ambos os corpos, de um ao outro (alguns centímetros de diametro) se dividiu em numerosos filamentos no momento da ruptura, que foi precedida de ondas luminosas. O Dr. Riblet Hout reconheceu parentes mortos que enchiam o quarto. A irmã do médico viu agitarem-se luzes sem perceber o detalhe das formas. A agonia durou doze horas, e o observador atento poude ver pouco a pouco, a vida animar o corpo fluídico que flutuava acima do corpo do moribundo; depois o corpo fluídico ergueu-se e desapareceu. O Dr. R. B. Hout afirma que o acontecimento não era uma visão incerta e evanescente, «mas revestiu-se de uma realidade absolutamente objetiva e que efetivamente durou doze horas».

Do Corpo Somático ao Duplo Etéreo

Compulsando revistas de alguns anos atrás, encontramos sempre assuntos de toda atualidade. Por exemplo, «La Revue Spirite» de fevereiro de 1936, excelente mensario parisiense, transcreveu de *La Tribune de Genève* o escrito do Dr. Raoul Montandon que reproduzimos a seguir:

«Todos os ocultistas sabem que o corpo somático do homem (como o dos animais, de resto) é constituido, não sómente pelos elementos: sólidos, líquidos e gasosos, que impressionam nossos sentidos normais, mas ainda por substâncias infinitamente mais sutís cujo conjunto geralmente é designado pelo termo: «duplo etéreo».

Êste duplo, ou corpo etéreo, que ocupa no espaço tridemencional o mesmo volume da forma exterior do sêr, e que constitue o seu verdadeiro substratum, é, êle mesmo, composto de quatro íteres diferenciados.

Se adotarmos, a título de analogia, as sete notas da escala musical como representativas dos sete principios físicos, nós poderemos dizer que *dó, ré, mi,* figuram os elementos: sólidos, liquidos e gasosos, enquanto que *fa, sol, la, si,* se referem respectivamente aos quatro íteres diferenciados do duplo eterico.

Ao sobrevir a crise da morte (primeiro estadio duma sucessão de acontecimentos de que a ciência oculta nos fornece o processo), os elementos grosseiros: *dó, ré, mi,* retornam, pela dissolução (fermentação, depois putrefação), ao mundo físico, donde provieram. O corpo etérico, em sua constituição quádrupla: *fa, sol, la, si,* abandona então os elementos inferiores (sólidos, líquidos e gasosos), consigo levando ao mundo supra-sensível, os elementos superiores do sêr.

Êsses elementos sutís são um facto para os videntes e a ciência está em *vésperas* de confirmar definitivamente êsse facto; senão vejamos:

Dois sábios holandeses, Matla e Zaalberg van Zels, teriam conseguido, ha certo número de anos, pesar o corpo etérico do homem vivo, e o doutor americano Duncan Macdougall, de Hvershill, teria confirmado as conclusões dos primeiros, pesando agonizantes, cujo peso diminue, no momento da morte, de cincoenta grs. e meia a setenta grs.

Mais tarde, em setembro de 1933, o Dr. R. A. Walters, diretor do Instituto Bernard Johnson (E. E. U. U.) poude pôr em evidência, baseado sôbre as recentes descobertas da atomistica, a presença dum princípio imaterial, que compenetra o corpo somático, e que abandona êste ultimo no momento da morte.

O médium estava certo

«The Two Worlds»

A leitura psicométrica pode proporcionar muito auxílio e conforto, como o prova o seguinte exemplo de profecia que se cumpriu.

Em fins de Fevereiro do ano em curso, relata E. Hobbs, estive em contacto com uma senhora cujo filho único foi dado como desaparecido no oceano, por ter sido o navio torpedeado. Eu possuia um objeto pertencente ao rapaz e levei-o para ser psicometrado na Igreja Espiritualista de Clapham. A médium (e Presidente, Mrs. E. Donaldson), ao tocar o objeto, experimentou uma espécie de asfixia por submersão, mas afirmou, em seguida: «Êle não está morto», assegurando que em Abril, a mãi receberia uma carta do filho, e que a reunião de ambos se realizaria em Abril do ano p. f.. A primeira parte da profecia e referente à carta, realizou-se, pois a mãe recebeu, em Abril, uma carta do rapaz, declarando que era prisioneiro de guerra em Bordeaux, mas em pleno gôzo de saude. Agora resta a cumprir-se a segunda parte em devido tempo. Devo mencionar que, por alguma razão (talvez intervenção espiritual), a carta não foi sensurada, escrita de próprio punho, tendo sido entregue por intermédio da polícia ao novo endereço da destinatária.

A Sobrevivência dos Animais

«The Two Worlds»

A narradora foi à casa de uma vidente, Miss Edith Potts, que adquiriu, na Inglaterra, certa celebridade. Esta lhe dava, de começo, diversas informações que eram o objetivo de sua visita, quando ela interrompe a sessão para fazer o gesto de acariciar um animal de pequena estatura, o que a forçava a inclinar-se para o soalho.

Em seguida, ela exclamou surpreendida:

— «Eu acariciava um cachorrinho preto, chamado, segundo creio, Tibby, e agora aí estão três cães pretos e não sómente um. O segundo chama-se Timmy.»

A pessoa que fôra consultar Miss Edith Potts, viu morrer, no mês anterior, um cão de sua propriedade chamado Tibby, e antes ela possuira outro cachorro da mesma raça, igualmente preto, morto havia muito tempo. Ela não compreendia qual poderia ser o terceiro cão. Mas apenas de volta à sua casa, soube pelo telefone que o cão de sua prima, em tudo igual ao seu e que atendia pelo nome Timmy, morrera na véspera.

—

M. René Thimmy estuda a preciência, com certos factos pertencentes ao arquivo de Ernesto Bozzano.

Depois da catástrofe de Fourvières, foi aberto um inquerito para saber se seria possível descobrir as causas, prever a catástrofe e evitá-la de algum modo. O desastre foi pressentido, mas somente por animais.

Pombos que haviam construido seus ninhos no cume de uma muralha, abandonaram-nos na vespera. Cavalos mostraram tão extraordinária resistência ao entrar nas cocheiras que obrigou os proprietários a colocá-los em outros abrigos. Um gato, muito afeiçoado a certa criança, atraiu-a para fora da casa em que êle vivia, por

meio de uma atividade anormal, atirando-se à criança e dela fugindo, e, assim, salvou-lhe a vida.

Premonições

Mr. William Stead relatou, sob o título *Real ghost stories* (Histórias reais de fantasmas), diversas comunicações com o Além. Eis aqui alguns exemplos de comunicações:

Em sua juventude, o Rev. W. Ross, da Igreja Escocesa, viu-se, em sonho, gravemente atingido por um ponta-pé em um tornozelo, vibrado por um rapaz, e, em consequência dêsse acidente, ficara seriamente ferido. Nessa ocasião êle não conhecia o futebol e jamais assistira a semelhante jôgo. Poucos meses depois do sonho, êle verificou, quando treinava num campo, que o sonho se realizara em todos seus detalhes. Êle viu-se obrigado a guardar o leito durante quinze dias em consequência de um ponta-pé num tornozelo, vibrado por um companheiro que em tudo se assemelhava ao que havia visto em sonho.

— O marinheiro Cleary, do veleiro «*Persian Empire*», quando em Adelaide, Austrália, sonhou que, no decurso de sua viagem de regresso à Inglaterra, no dia seguinte ao de Natal, ao dobrar a embarcação o Cabo Horn, com mar revolto, ordenaram-lhe tripular em companhia de outro camarada, uma canoa que era rebocada pelo veleiro. Êle cumpre a ordem, a canoa sossobra e morre afogado, com o companheiro.

Tal foi a impressão causada pelo sonho que êle hesitou partir. Contudo, êle supera seus temores. Na vespera de Natal, pouco antes de chegar ao Cabo Horn, reproduz-se o sonho. Dia seguinte, começam a desenrolar-se os acontecimentos anunciados pelo sonho. Cleary quís furtar-se à ordem, e explica a razão ao superior, depois muda de parecer, desce à canoa com um marinheiro que reproduz os traços daquele visto em sonho; a embarcação volta-se e ambos os ocupantes desaparecem nas ondas.

Todos nós somos reincarnados

Extrato de uma conferência de André Ripert pronunciada em Angulême em 30-5-28, reproduzido de *La Revue Spirite*.

«Reincarnado? Sim! todos nós somos reincarnados; de quem? Não o sabemos, mas podemos no curso de nossa vida, encontrar em nós provas de nossas existências anteriores, e eis como: Nunca tivestes, ao chegar pela primeira vez a uma cidade, a impressão muito nítida do «já visto», não percorrestes essa cidade com facilidade, sem errar, sem auxílio dum guia?

Procurai tais factos em vossa memória. Êles existem. Então, que pensais disto?

Conseguistes resolver o problemo de existências, como as de Mozart, Beethoven e de outros prodígios? Como explicar que um menino, aos 7 ou 8 anos, seja em tão tenra idade, um músico consumado quando todos entre sua parentela ignoram a música?

Alguém, antes dêle foi músico em sua família, direis vós. Seja, admitamo-lo. Mas um estado atual é a soma de todos os estados anteriores; o estado atual é o criterium de uma evolução e então para que um sêr tenha, ao nascer, tanto gênio, necessário se torna que outro, que está morto, tenha possuido êssa gênio. O menino pode não parecer-se integralmente aos pais. Dos pais êle trás o envólucro, dos pais êle possue seu corpo, suas células, impregnadas de indiscutível hereditariedade, porém, êle possue, a mais, uma alma, elemento de evolução, em suma, elemento espiritual que é o mesmo princípio da reincarnação.

Eis aí idéias notáveis, curiosas, cativantes e que fazem pensar.

Sêde humildes, para poderdes obter as graças do Senhor. O cultivo da humildade deve ser a vossa maior preocupação. Estudai os ensinos de Jesus impregnados da humildade por Êle prégada, e tereis justificado, aos olhos de Deus, o vosso esfôrço. — HENRIQUE MAGALHÃIS.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Sessão Comemorativa

Comemorando o 4.º aniversário do desincarne do nosso amado companheiro, Cairbar Schutel, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» realizou no dia 30 do mês passado, ás 20 horas, uma sessão especial. Recitaram poesias a srta. Diva Boé e o menino José Leme. Fizeram uso da palavra os nossos companheiros farm. Zelia Perche, Costa Filho, Prof.ª D. Maria Casanova e João Leão Pitta.

O Espiritismo em Florianopolis

Centro Espírita «Amor e Humildade do Apóstolo»

No dia 20 do mês passado, festejando o seu 34.º aniversário de fundação, o Centro Espírita «Amor e Humildade do Apóstolo», deu posse à administração eleita, assumindo o cargo de presidente, o sr. Osvaldo Mélo. Os delegados de todas as Associações e Centros se fizeram representar.

Falaram vários oradores.

Foi lançada a idéia, já em marcha, da fundação de uma Escola de Enfermeiras, sob o patrocínio daquele Centro, o mais antigo do Estado sulino.

As sessões doutrinárias estão a cargo de oito doutrinadores, que, por escalas, fazem a prégação, ali, todas as quartas e sabados, à noite.

Funciona também no mesmo Centro, uma associação composta de senhoras, denominada «Assistência aos Necessitados e Visitação a Doentes Pobres».

A Escola Evangélica (doutrinas para creanças), está funcionando todos os domingos, às 10 horas, com um corpo escolhido de doutrinadores e grande assistência infantil. O Gabinete Mediúnico, de consultas e passes, tem três horarios, presentemente. O primeiro das 6 1/2 às 8 horas da manhã, o segundo das 8 às 10 horas e o terceiro, no período da tarde, das 13 às 15 horas.

Os medicamentos são fornecidos pelo próprio Centro.

As sessões doutrinárias à noite são frequentadissimas no Centro Espírita «Amor e Humildade do Apóstolo» e o seu amplo salão de conferências fica sempre cheio.

Sob todos os aspectos é bem animador o trabalho que se desenvolve naquela Seára do Mestre, pois, dali, também são escolhidos alguns doutrinadores que emprestam a outros Centros, sua participação quanto às prégações.

Dois Grupos de reuniões para tratamentos de obsedados e doutrinação aos espíritos sofredores e para outras manifestações funcionam naquele Centro e os resultados que têm sido obtidos são de molde a garantir a orientação que se imprime àqueles dificeis trabalhos.

Existe em Florianopolis, capital do Estado, uma perfeita união entre todos os Centros e tanto assim, que se está trabalhando para a próxima fundação da União Federativa Espírita de Santa Catarina.

Que os nossos confrades continuem no seu trabalho com afinco, coragem e fé, para que sejam dignos do salário que o Mestre prometeu aos bons trabalhadores.

Do Correspondente.